



ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA

CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS MARECHAL CORDEIRO DE FARIAS

Cadernos de **Estudos Estratégicos**

A Crise Russo-Ucraniana: Percepções Brasileiras



Cadernos de Estudos Estratégicos

n. 01 /2022

Irregular

ISSN 1808-947x

1. Cultura. 2. Relações Internacionais.
 3. Modernidade. 4. Axiologia. 5. Praxiologia.
 6. Polemologia. 7. Cratologia. 8. Segurança

Cadernos de Estudos Estratégicos

Os Cadernos de Estudos Estratégicos são publicados de forma irregular pela ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA, no Rio de Janeiro. Edição Eletrônica. Circula em âmbito nacional e internacional.

Comandante da ESG

General de Divisão Adilson Carlos Katibe

Subcomandante da ESG

Contra-Almirante Cassiano Marques

Diretor do Centro de Estudos Estratégicos Marechal Cordeiro de Farias

Contra-Almirante (RM-1) Guilherme Mattos de Abreu

Editor Executivo

Coronel (R/1) Ricardo Alfredo de Assis Fayal

Conselho Editorial

Coronel (R/1) Ricardo Rodrigues Freire

Coronel (R/1) Antônio dos Santos

Coronel (R/1) Waldir Galluzzi

Revisor Acadêmico

TC (R/1) Gilberto de Souza Vianna

Editores Auxiliares

Eyshila Cristine Ferreira do Sêro

Fernanda Rangel de Moraes

Lucas Gabriel Rego Muniz

Colaboradores:

CMG Guilherme Sandoval;

Cel Alexandre Ramos;

Cel Marcio Coelho;

Cel Osvaldo Fonseca;

Cel Paulo Cabrita;

Cel Renato Martins;

Cel Sérgio Kostin;

Profa. Dra Mariana Kalil;

Prof. Dr Ronaldo Carmona;

Sr. Marcelo Tadeu.

Sobre

A ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA

Missão

“Desenvolver atividades acadêmicas que permitam compreender as realidades nacional e internacional, visando preparar civis e militares para o desempenho de funções de direção e assessoramento de alto nível, no campo da Defesa Nacional, incluindo o que concerne à Segurança e ao Desenvolvimento”

Visão de Futuro

“Ser reconhecida como centro de excelência nacional e de referência internacional no ensino e na pesquisa, no campo da Defesa Nacional, incluindo o que concerne à Segurança e ao Desenvolvimento”.

Apresentação

O texto aqui elaborado é fruto da necessidade de disponibilizar, ao público leitor, subsídios basilares para um maior desenvolvimento de estudos acerca da crise russo-ucraniana. Para tanto, foram utilizados, além de aspectos históricos e geopolíticos, análises baseadas nas “Expressões do Poder”, segundo o que preconiza o Manual de Fundamentos do Poder Nacional, da Escola Superior de Guerra (ESG).

O estudo dos Fundamentos do Poder Nacional, constituídos por “Homem, Terra e Instituições”, facilitam a compreensão do evento em questão - o embate entre russos e ucranianos - a partir de sua segmentação em partes assim distribuídas: Política, Econômica, Psicossocial, Militar e Científico-Tecnológica.

Cabe salientar que este trabalho, realizado pelo Centro de Estudos Estratégicos Marechal Cordeiro de Farias (CEECE) e colaboradores de diversos setores da ESG, não objetiva esgotar o assunto, visto o caráter extremamente fluido e dinâmico de um confronto bélico. Torna-se necessário, portanto, o acompanhamento desta crise para que se tenha noção dos desdobramentos da mesma, assim como de suas consequências e reflexos em esfera mundial e, notadamente, para o Brasil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. CONTEXTUALIZAÇÃO E EXPRESSÕES DO PODER	7
2.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS	7
2.2 A GEOPOLÍTICA DO CONFLITO	11
2.3 EXPRESSÃO POLÍTICA	17
2.4 EXPRESSÃO ECONÔMICA	24
2.5 EXPRESSÃO MILITAR	28
2.6 EXPRESSÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA	34
2.7 EXPRESSÃO PSICOSSOCIAL	40
3. CONCLUSÃO	45

1. INTRODUÇÃO

Sem a Ucrânia, a Rússia deixa de ser um império euroasiático.

Zbigniew Brzezinski¹

A tensão entre Rússia e Ucrânia não é recente. O Estado ucraniano tem demonstrado clara intenção de estreitar seus laços com o Ocidente, por intermédio de uma possível adesão à Comunidade Europeia (CE) e à Organização do Tratado Atlântico Norte (NATO / OTAN). Isto tem sido motivo de rotineiras contestações por parte do Estado russo, que possui posição antagonica ao aumento da influência ocidental em áreas de interesse de seu País. Putin enfatizara, por ocasião de uma cimeira OTAN-Rússia, em 2008 que, se a Ucrânia aderisse à OTAN, a Rússia poderia lutar para anexar o Leste do País e a Crimeia.

O antagonismo na região elevou-se, quando o Presidente ucraniano Viktor Yanukovich (pró-Rússia) foi deposto, em 2014. Oficialmente, este embate teve seu início após a invasão russa da Península da Crimeia, território este “transferido” à Ucrânia pelo líder soviético Nikita Khrushchev, em 1954. Esta rivalidade teve, até o presente momento, o seu ápice com a deflagração de operações militares russas em território ucraniano, em 24 de fevereiro de 2022, impactando sobremaneira a balança de poder mundial e as relações internacionais.

Para que se realize uma análise que abarque os países em questão, seus aliados e possíveis consequências para a manutenção ou alteração do *status quo* do cenário mundial, notadamente no que concerne e afeta o Estado brasileiro, serão utilizadas como ferramentas reflexões históricas acerca da região envolvida, perspectivas geopolíticas do conflito e considerações segmentadas nas “expressões de poder”, segundo o que preconiza o método de estudo da Escola Superior de Guerra (ESG). Cabe salientar que, pela evolução do conflito russo-ucraniano, ainda em curso, esta análise possui características dinâmicas, estando sujeita a atualizações com o avançar do tempo.

¹ "Without Ukraine, Russia ceases to be a Eurasian empire." The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives. New York: Basic Books, 1997.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO E EXPRESSÕES DO PODER

2.1 Antecedentes Históricos

A história da Ucrânia pode ser sintetizada como uma luta continuada de seu povo pela independência nacional. A aspiração dos ucranianos em estabelecer um estado soberano remonta à criação do reino de Rus Kiev no século IX, se fortaleceu no século XIX e concretizou-se no século XX. A República Nacional da Ucrânia, declarada em 23 de junho de 1917, foi incorporada à União Soviética (URSS), em dezembro de 1922. Finalmente, após a dissolução da URSS, em 24 de agosto de 1991, um novo estado seria adicionado ao mapa mundial.²

A Ucrânia é uma região de estepes, montanhas e florestas ao norte do mar Negro e serviu de interface entre a civilização grega e os povos que os gregos denominavam como bárbaros, passando, desde então, a definir a fronteira entre o Ocidente e Oriente.

Graças a isso a Ucrânia ficou conhecida como os “Portões da Europa”, pela facilidade de navegação pelo rio Dnieper e de passagem pelos terrenos planos ou com leves ondulações, carentes de fronteiras naturais, e pela posição estratégica entre o Ocidente e Oriente. Na época contemporânea, as tropas alemãs, na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e Segunda Guerra Mundial (1939-1945), invadiram a Rússia por esse território.

2.1.1 O Início do Século XX: Independência e repressão stalinista na Ucrânia

A Ucrânia chegou a ficar independente no início do Século XX, em novembro de 1917, mas caiu no domínio soviético, em 1922. Muitos ucranianos tiveram suas terras, propriedades e gado confiscados. Segundo WOLNY (WOLNY, 2018.)³, tornaram-se parte de fazendas coletivas. O resultado foi a morte de cerca de 14 milhões de pessoas nos campos da Ucrânia, assassinados ou vítimas da fome causada pela coletivização forçada de Stalin - fato histórico conhecido como *Holodonor*.

² WYLEGAŁA, Anna e GŁOWACKA-Grajper, Małgorzata . The burden of the past: History: Memory, and Identity in Contemporary Ukraine. Indiana University Press, Indiana, 2020.

³ WOLNY, Philip. Holodomor: the Ukrainian famine-genocide. Rosen Ed, New York 2018 .

2.1.2 A Segunda Guerra Mundial e a invasão da Alemanha nazista

Em 22 de junho de 1941, tropas alemãs invadiram a Ucrânia, como parte da Operação Barbarossa contra a União Soviética. Entre 15 de agosto e 19 de setembro de 1941, a capital Kiev caiu sob controle alemão, levando à captura de 665.000 soldados soviéticos. Com a grande fome do *Holodomor* ainda fresca em mente, os ucranianos acolheram os alemães como libertadores, oferecendo aos soldados germânicos pão e sal, símbolo da hospitalidade. Muitos ucranianos se voluntariaram e se juntaram à uma unidade de polícia controlada pelos alemães, a qual ajudava a guardar os campos de concentração e lutava contra os elementos da resistência na Ucrânia e na Bielorrússia.⁴

No início da guerra russo-alemã, cerca de 4.000 ucranianos operaram sob ordens alemãs. Em 28 de abril de 1943, uma unidade militar ucraniana foi formada, tornando-se, mais tarde, uma divisão - a 14.^a Divisão de Granadeiros da Waffen SS "Galizien"⁵. Houve alegações de que tais voluntários participaram ativamente das atrocidades do Holocausto, em 1945. Os símbolos e insígnias da divisão Waffen SS "Galizien" são utilizados atualmente pelo "Batalhão Azov", descrito como uma milícia de extrema-direita, com conexões com o neonazismo. O batalhão foi empregado no combate separatistas das províncias ucranianas de Donetsk e Luhans. Quando Vladimir Putin mencionou a "desnazificação" da Ucrânia, se referia ao Batalhão Azov.⁶

2.1.3 A Revolução Laranja: a crise da Crimeia (2014) e a crise atual

Em 1774, no final da Guerra Russo-Turca empreendida por Catarina II da Rússia contra o Sultão Mustafá III do Império Otomano (Turquia), foi assinado o Tratado de Küçük Kaynarca (hoje Kaynardzha, uma aldeia na Bulgária). O tratado cedeu portos do Mar Negro para a Rússia e declarou a Crimeia independente. Navios comerciais russos foram autorizados a navegar em águas turcas. O tratado facilitou a anexação da Crimeia pela Rússia (1783) e foi a base para as reivindicações russas posteriores, como protetora dos cristãos no Império Otomano.

Após a Segunda Guerra Mundial, (1939-1945), com a vitória dos Aliados sobre os alemães, a Ucrânia manteve-se integrada à política centralizada soviética. Em 19 de fevereiro

⁴ Waffen-SS (SS em armas).

⁵ KIRCHUBEL, Robert, GERRARD, Howard. Campaign 129: Operation Barbarossa 1941 Army Group South. Osprey. Londres, 2019.

⁶ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/02/25/desnazificar-a-ucrania-a-historia-por-tras-de-justificativa-de-putin-para-invasao.ghtml> (acesso em 04 de março de 2022)

de 1954, o governo da Península da Crimeia foi transferido para a República Soviética da Ucrânia, por ato de Nikita Krushchev, então líder soviético, não havendo uma explicação histórica consensual para essa transferência territorial interna na então URSS. Desde então, a Crimeia passou a ficar territorial e administrativamente sobre controle ucraniano⁷.

Um fato relevante, após a Ucrânia tornar-se independente da URSS, foi a assinatura do Memorando de Budapeste sobre Garantias de Segurança, assinado na Hungria, em 5 de dezembro de 1994. Este acordo oferecia garantias de segurança ao país, em decorrência da adesão da Ucrânia ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares. O Memorando foi originalmente firmado por três potências nucleares: a Federação Russa, os Estados Unidos e o Reino Unido⁸. Posteriormente, China e França fizeram declarações individuais garantidoras, em documentos separados.

O memorando inclui garantias de segurança contra ameaças ou uso da força contra a integridade territorial ou a independência política da Ucrânia, Belarus (como passou a denominar-se a Bielorrússia, a partir de 1991) e Cazaquistão. Como resultado, a Ucrânia desfez-se de seu expressivo arsenal de armas nucleares, entre 1994 e 1996.

Outro acontecimento que merece destaque é que, antes do despontar da crise atual, ocorreu a denominada “Revolução Laranja” - uma série de protestos em novembro de 2004 a janeiro de 2005, logo após o segundo turno da eleição presidencial ucraniana de 2004. Esta, alegadamente, foi marcada por corrupção massiva, intimidação de eleitores e fraude eleitoral. Uma série de protestos começaram, depois que o Presidente Viktor Yanukovich anunciou a decisão de não assinar um acordo de cooperação com a União Europeia (UE), que poderia, no futuro, ter a Ucrânia como um de seus membros. Esta decisão contrariava não só as expectativas

⁷ HUGHES, G. Nikita Khrushchev and the Creation of a Superpower (Book). Cold War History, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 169–171, 2003. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=poh&AN=10576210&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 14 mar. 2022. março de 2022)

⁷ Kuchuk Kainarji, Treaty of. Columbia Electronic Encyclopedia, 6th Edition, [s. l.], p. 1, 2021. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mth&AN=134524726&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 14 mar. 2022.

⁷ IOSIPESCU, S. The Romanian Principalities, the Ottoman Empire and the Crimean War. Political and Military Considerations. Review of Military History, [s. l.], n. 5/6, p. 39–59, 2014. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=poh&AN=128223050&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 14 mar. 2022.

⁷ HUGHES, G. Nikita Khrushchev and the Creation of a Superpower (Book). Cold War History, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 169–171, 2003. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=poh&AN=10576210&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 14 mar 2022.

⁸ Memorandum on Security Assurances in connection with Ukraine’s accession to the Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons Budapest, 5 December 1994. Disponível: 13943175580.pdf (pircenter.org)

dos parceiros europeus, mas, principalmente, a da maioria dos ucranianos que eram favoráveis à aproximação com a UE, o que serviria como um fator facilitador das reformas democráticas⁹. Após a Revolução Laranja, foi patente, do lado ucraniano, um empenho renovado no reforço da cooperação UE-Ucrânia.

Em verdade, o processo de aproximação se confunde com o que, para Vladimir Putin, é “a maior tragédia geopolítica do século XX”¹⁰ – o colapso soviético. O diálogo e a cooperação começaram quando a recém-independente Ucrânia aderiu ao Conselho de Cooperação¹¹ do Atlântico Norte (1991) e ao programa Parceria para a Paz (1994). Foi reforçado com a assinatura da Carta de 1997, que criou a Comissão NATO-Ucrânia (NUC) para avançar com a cooperação. Seguiram-se outras medidas, com o propósito de aprofundar a integração.

Em junho de 2017, o Parlamento ucraniano aprovou legislação que tornou a adesão à OTAN um objetivo estratégico de política externa e de segurança, a qual se seguiu uma emenda constitucional, que entrou em vigor em 2019. Em setembro de 2020, o Presidente Volodymyr Zelenskyy aprovou a Estratégia de Segurança Nacional da Ucrânia, que determinou o desenvolvimento da parceria com a OTAN, com o objetivo de aderir à organização.

Mostra-se relevante que a Constituição da Ucrânia (de 28 de junho de 1996, com diversas emendas, até 2019), em seu Preâmbulo, aponta que o país tem identidade europeia e seria irreversível o processo de aproximação com a Europa. Em seu artigo 85, consta:

Artigo 85

A autoridade da Verkhovna Rada (Parlamento) da Ucrânia inclui:

[...]

5. Determinação dos princípios da política interna e externa, concretização do curso estratégico do Estado na aquisição da adesão plena da Ucrânia na União Europeia e na Organização do Tratado do Atlântico Norte.

Aspectos econômicos também podem ser levantados. Desde 1975, ocorre exploração de petróleo no Mar Negro, com o envolvimento dos países limítrofes na produção, bem como com a participação dos grandes grupos multinacionais. A Ucrânia obteve algum sucesso na exploração de gás e petróleo em sua área marítima. Significativa parcela dessa capacidade de produção, entretanto, seria perdida com a anexação da Crimeia, em 2014, e consequente

⁹ <https://www.cmjornal.pt/maissobre/revolu%C3%A7%C3%A3o-laranja> (acesso 04 de Março de 2022)

¹⁰ Putin lamenta colapso da União Soviética. Folha de São Paulo. 26 de abril de 2005.

¹¹ North Atlantic Treaty Organization (NATO). Relations with Ukraine (11 Mar. 2022). Disponível: NATO - Topic: Relations with Ukraine. Acessado em 19 de abril 2022.

apropriação dos campos marítimos fronteiros pela Rússia. Assim, podemos incluir a crise local em um cenário por disputa de recursos.^{12, 13}

Em março de 2014, um referendo realizado na Crimeia teve como resultado que cerca de 95,5% dos eleitores apoiaram a opção de se juntar à Rússia. Neste ponto, cabe salientar que a Crimeia somente foi administrada pela Ucrânia a partir do período soviético, não fazendo historicamente parte de seu território. A maioria de sua população é de origem russa. Em 18 de março, dois dias após a publicação dos resultados, Putin oficializou a invasão, ao assinar um projeto de lei incorporando a Crimeia à Federação Russa.

As tentativas de ingresso da Ucrânia na UE e na OTAN aparentaram buscar, de certa forma, uma aliança contra a interferência quase imperial da Rússia, liderada por Vladimir Putin. Seria uma forma de proteção econômica e militar, que os demais países da Europa Oriental, que estiveram sob o domínio soviético, já almejavam e alcançaram.

A invasão da Ucrânia por tropas russas não se limitou a uma guerra convencional, pois se lançou mão, em larga escala da guerra cibernética e de sanções econômicas. Temos, ainda, uma guerra de narrativas, na qual o Presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, aparenta estar obtendo vantagens contra as ações midiáticas estabelecidas pelo Kremlin, com forte colaboração da mídia ocidental.

2.2 A Geopolítica do conflito

A compreensão do atual conflito russo-ucraniano passa necessariamente por um olhar sobre a tensão geopolítica entre os Estados Unidos e a China. Nesse sentido, a Guerra da Ucrânia transcende as fronteiras dos beligerantes, para se projetar sobre o sistema internacional em todos os campos do poder nacional.

O confronto deve ser percebido como fenômeno geopolítico e geoestratégico, exigindo a compreensão das raízes e os motivos que geraram sua eclosão. Relaciona-se, no nível político-estratégico, ao comportamento sistêmico das grandes potências no concerto das Nações. Representa o enfrentamento entre potências pela influência em território histórica e

¹² The Black Sea's oil and gas potential: the reality and prospects of drilling a unique ultra-deep well on Zmiiny Island | Нафта і Газ України (oil-gas.com.ua).

¹³ BUGRIY, Maksym. Russia's Rationale for Expropriation of Ukrainian Black Sea Gas Resources. Disponível: https://razumkov.org.ua/uploads/article/374_black-sea-gas-resources.pdf.

contemporaneamente de alto valor militar, logístico e econômico, e que serve como ligação entre a Eurásia e a Europa. O pano de fundo é a disputa pelo poder mundial, em última instância.

Ao fim da Guerra Fria, as vitoriosas potências ocidentais, além de proclamarem a eternidade da ordem liberal sob seu domínio (teoria do “fim da história”), renovaram seus documentos de orientação político-estratégica proclamando, como no caso americano, que o principal objetivo passaria a ser a contenção da ascensão de uma potência que rivalizasse com os EUA. No caso específico do território russo, houve vozes mais radicais, como o conhecido diplomata e cientista polaco-americano Zbigniew Brzezinski, que chegou a propor um desmembramento do território do velho império russo. O que efetivamente ocorreu, foram várias ondas de expansão da OTAN para leste, até atingir, como é o caso atual, o “ventre-mole” do império russo -, sua área de maior sensibilidade nacional, geopolítica e geoestratégica, a velha “*rus de Kiev*”, berço da nacionalidade russa.¹⁴

Uma herança da atuação soviética da época da Guerra Fria tem se mostrado útil à Rússia no cenário internacional, ao limitar o número de países que condenam a sua atuação em relação à Ucrânia. A Resolução da Assembleia Geral da ONU (02 de março de 2022) condenando a agressão russa obteve apenas um voto africano dissidente – a Eritreia. Dos 54 países africanos, 28 votaram pela condenação da invasão; 16 abstiveram-se e 9 não votaram. Os países africanos que se abstiveram ou não votaram o fizeram por várias razões. Em sua maioria são aqueles países cujos líderes têm ligações com Moscou, particularmente por terem sido educados na antiga União Soviética.

Desde 1978, a China vem em uma ascensão meteórica, fruto do período que denominam como “reforma e abertura”, a ponto de hoje ser a primeira economia do mundo em paridade de poder de compra (PPP). A Rússia também se reergueu, desde a assunção de Putin. Há mais de duas décadas vem reconstruindo seu Poder Nacional. Reestruturou suas forças armadas, dinamizou seu setor energético e de produção de alimentos, o que lhe permite defrontar-se com a atual crise de maneira diferenciada em relação ao que ocorreu no passado. A permanência de Putin – alternadamente Primeiro Ministro e Presidente desde 1999 -, e de seus coadjuvantes

¹⁴ Rus é uma denominação introduzida na Idade Média, provavelmente de origem nórdica ou viking, atribuída às populações que viviam na região do Rio Dnieper, que hoje fazem parte da Ucrânia e de Belarus (antiga Bielorrússia). Sendo a origem do nome moderno de Rússia, que significa “terra dos rus”. Vários reinos e principados Rus se formaram às margens dos rios Volga, Dnieper e Moscou. Na Alta Idade Média (do século V ao XI), o reino de maior relevância foi o de Rus Kiev (Kievan Rus), fundado no século IX. O de Rus Moscou tornar-se-ia mais importante, nas últimas décadas do século XIV.

próximos na cúpula governamental russa conferiu direcionamento estável na governança, em um nível difícil de obter nas democracias.

Ao mesmo tempo, o Ocidente, aqui vislumbrado como o eixo EUA/Europa, no período, passou a ter um peso relativo menor, tanto do ponto de vista econômico como estratégico, ainda que preserve muita força em vários campos do Poder. Os EUA continuam a ser a maior potência militar do planeta e com grande capacidade de inovação.

A eclosão da guerra na Ucrânia decorre, por um lado, da percepção de ameaça (para Putin e para a segurança nacional russa) da captura definitiva desta pela OTAN, ao mesmo tempo em que leva em conta a expectativa de que a Organização não se aventuraria a combater em território ucraniano, em função do risco de escalada para um conflito nuclear.

Há muitos aspectos que poderiam ser abordados nesta análise, tais como as consequências para a Europa – que tem os seus interesses afetados, em muitos aspectos, com as atuais sanções. Ou, ainda, a dimensão informacional do conflito, com a guerra de narrativas e a predominância da versão ocidental, estabelecendo a pauta da mídia.

Cabe salientar que o conflito potencializa uma crise mundial, posto que viabiliza o fortalecimento da perspectiva antiglobalização, seja pela busca de autonomia de insumos estratégicos, notadamente energia (gás natural e petróleo), minerais de valor estratégico, fertilizantes e alimentos, seja pela busca de repatriamento da indústria que migrara para países de mão de obra barata, como a China. Portanto, haverá a tendência de contraposição (em grau incerto) à internacionalização das cadeias produtivas, promovida pela intensa globalização da economia vivenciada desde o fim da Guerra Fria.

De fato, tem-se um evento que poderá se transformar no eixo propulsor de uma verdadeira revolução no campo da geopolítica mundial, na medida em que traz em seu bojo a real possibilidade de desconstrução do até agora praticado em relação ao comércio mundial. É possível que tenhamos um mundo fragmentado, em que a confrontação seja a tônica.

Isto significa dizer que o desfecho do conflito na Ucrânia tem o potencial de impactar diretamente o sistema de poder mundial contemporâneo, cuja dinâmica apresenta duas grandes perspectivas: o resgate da ordem geopolítica unipolar, aparentemente improvável, capitaneada pelos mecanismos de poder hegemônico dos Estados Unidos e da Europa, e, do outro, a consolidação de uma ordem geopolítica multipolar, agora regida pelas novas dinâmicas antissistêmicas de poder global, aí incluídas as potências emergentes, notadamente China e

Rússia. Assim, é natural a tensão geopolítica, entre a expansão mackinderiana¹⁵ das potências eurasiáticas do Oriente e a contenção spykmaniana¹⁶ das potências do Ocidente.

Nesse sentido, em seu pronunciamento sobre o “Estado da União” ao Congresso Nacional, em 1 de março de 2022, o Presidente Joseph Biden anunciou as medidas que seriam impostas à Rússia, dentre elas a desconexão do sistema bancário russo do Sistema de Pagamento Internacional SWIFT (*Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication* - Sociedade para as Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais). A Sociedade, com sede em Bruxelas, é composta por inúmeros bancos de diversos países, e tem como objetivo garantir um canal de comunicação global para as transações financeiras internacionais, normalmente feitas em dólar. Em essência, o SWIFT simboliza a hegemonia do dólar americano como referência do sistema financeiro internacional.

Assim, a desconexão dos bancos russos do SWIFT impactou intensamente a economia do país, gerando imediata e forte queda do rublo. O Sberbank, maior banco da Rússia, se viu obrigado a encerrar suas operações na Europa. Como consequência imediata da exclusão do SWIFT, despontou a tendência de ingresso dos bancos russos no CIPS (China's International Payments System), criado em 2015, com o objetivo de realizar transações financeiras em Yuan, no lugar do dólar americano.

O fato é que esta desvalorização do Rublo foi revertida, em função de medidas adotadas pelo Governo russo, o qual, inclusive, se preparara preventivamente para retaliações no campo econômico¹⁷.

Portanto, o desfecho da exclusão da Rússia do SWIFT ainda é imprevisível. Pode gerar a valorização do CIPS, que, em combinação com a atuação do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (*Asian Infrastructure Investment Bank*), contribuiria para a projeção mundial do projeto chinês *One Belt, One Road* (OBOR). O OBOR reedita, com tintas da pós-modernidade, a Teoria de Mackinder, uma vez que projeta a expansão da China em direção à conquista da Ilha Mundial, vale dizer a conquista da Europa, da África e da Ásia.

¹⁵ Remete as concepções do geógrafo, acadêmico e político inglês Halford John Mackinder (1862 -1947), considerado um dos fundadores da geopolítica e da geoestratégia.

¹⁶ Remete as concepções do geógrafo, geoestrategista e cientista político Nicholas J. Spykman (1893 – 1943), de grande influência nos EUA. É o precursor da "Estratégia de Contenção" do pós-Segunda Guerra Mundial.

¹⁷ Por que o rublo russo se valoriza em meio a tantas sanções? Por Investing.com . disponível:

<https://br.investing.com/news/forex-news/por-que-o-rublo-russo-se-valoriza-em-meio-a-tantas-sancoes-987227>.

Rublo tem desvalorização recorde após novas sanções; BC russo dobra a taxa de juros. Disponível:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/02/28/rublo-russo-mercados.ghtml>.

Urge, pois, acompanhar os desfechos do conflito na Ucrânia e a sobrevivência dos arquétipos de integração comercial, dentro da ideia-força de internacionalização das cadeias globais de produção, com equilíbrio entre o domínio de mercados específicos e o poder geopolítico das potências globais. Também há risco de ressurgimento da corrida armamentista de outrora.

No que se refere ao cenário marítimo, o Mar Negro é importante para a Rússia, por se tratar de região de águas quentes, não sujeita a interrupção de tráfego por congelamento, como ocorre na maior parte de seu litoral. É um mar interior, ligado ao Oceano Atlântico e Índico através dos mares de Mármara, Egeu e Mediterrâneo, por dois estreitos: o de Bósforo (ligação com o Mar de Mármara) e o de Dardanelos (ligação do Mar de Mármara com o Mar Egeu). A Marinha Russa está presente na região desde 1783, quando foi ativada a Esquadra do Mar Negro, tendo como sede Sebastopol, na Crimeia, onde ainda hoje se situa a sua principal base (com a independência da Ucrânia, um arrendamento anual passou a ser pago pela Marinha Russa pelo uso da base, até que ocorreu a ocupação da Crimeia, em 2014).

Sob a ótica da geopolítica, antes da anexação da Crimeia pela Rússia, essa região de águas quentes não foi palco de conflitos de grande magnitude, na história recente. No entanto, tal situação mudou drasticamente em 2014, quando Putin ordenou a retomada da península da Crimeia.

Isto significa dizer que a Guerra da Ucrânia é o ápice da tensão geopolítica no Mar Negro entre a Rússia e a OTAN na era pós-URSS. A rigor, a expansão russa no entorno estratégico do Mar Negro começa com o breve conflito entre Rússia e Geórgia, em agosto de 2008, cujo desfecho foi o reconhecimento russo das soberanias da Ossétia do Sul e da Abecásia, as quais não foram reconhecidas pela comunidade internacional. No entanto, os dois jovens países atuam como estados soberanos de fato, o que evidentemente reforça o poderio russo na região do Mar Negro.

Segundo o Instituto Alemão de Relações Internacionais e Segurança (SWP), desde 2008, a presença militar russa na região vem sendo sistematicamente expandida. Principalmente no Mar Negro, o distrito militar "oeste" tornou-se uma área de escalada armamentista. Com novos submarinos e fragatas, equipados com mísseis de cruzeiro de longo alcance (tipo Kalibr). O aumento do poder militar russo no Mar Negro foi uma clara demonstração de força frente aos países vizinhos da OTAN.

Portanto, entende-se que a projeção russa no entorno estratégico do Mar Negro afeta não só a Ucrânia, mas também o flanco sudeste da OTAN. E mais: levando-se em consideração as conquistas russas no Mar de Azov, que englobam as cidades portuárias de Mariupol e Kherson e do Estreito de Kersh, que liga a Rússia e a Crimeia, bem como a possível tomada do porto de Odessa, já projetam a ideia de um “Mar Negro Russo”.

Assim, o controle estratégico das águas quentes do Mar Negro e do Mar de Azov é imprescindível para a Rússia, seja para garantir o acesso das suas linhas de comunicação marítimas aos oceanos e mares do mundo em qualquer época do ano, seja para confrontar a influência dos EUA e aliados no Mar Mediterrâneo.

Importa destacar que a pandemia e a Guerra na Ucrânia fazem parte do surgimento de um mundo policêntrico, em que a humanidade estaria “entrando em uma nova era de rápido desenvolvimento e de transformação profunda”, para usar os termos que Rússia e China empregaram em seu pronunciamento conjunto, de 04 de fevereiro de 2022¹⁸. No início dessa nova fase policêntrica (multipolar), existe a expectativa de que ocorra securitização de processos políticos e sociais em países do Sul Global (Terceiro Mundo ou em desenvolvimento). Assim, há risco de envolvimento de potências extrarregionais em eventos domésticos no Brasil e em seu entorno, no sentido de gerar internamente apoio a opções político-sociais que sejam favoráveis a essas potências, comprometendo a estabilidade interna; bem como no entorno estratégico.

A securitização de processos políticos e sociais inclui a possibilidade de ocorrer interferência estrangeira em processos ligados à manutenção do núcleo econômico-estratégico do país, gerando-se pressões buscando controlá-lo. Nesse novo mundo, o Brasil é, ao mesmo tempo, aliado extra-OTAN dos Estados Unidos e parte dos BRICS. Essa ambiguidade pode oferecer ao País a oportunidade de atuar de forma pragmática, sem alinhamentos automáticos a nenhum dos lados, servindo como interlocutor entre as partes.

Fortalecer o núcleo econômico-estratégico brasileiro é fundamental para que o país não se torne vítima da disputa entre as potências. Nosso país, em grande medida, tem sido igualmente vítima de mecanismos de guerra híbrida. Isso tem consequências de monta para o projeto nacional. É lícito afirmar que todas as “grandes massas territoriais autônomas” vêm sendo objeto de pressões relacionadas a sua coesão territorial e sua identidade nacional, além

¹⁸ Joint Statement of the Russian Federation and the People’s Republic of China on the International Relations Entering a New Era and the Global Sustainable Development. 04 de fevereiro de 2022. Disponível: <http://en.kremlin.ru/supplement/5770>. Acessado em 19 de abril de 2022.

da imposição de fenômeno de profundas divisões de natureza política e ideológica. Isso se aplica à Rússia, mas também à China, ao Brasil, aos EUA e à Índia, dentre outros.

As consequências de uma vitória russa são diversas, podendo ser vista por vários ângulos, existindo duas questões centrais. Por um lado, mostram as grandes potências cada vez mais ciosas de sua autonomia estratégica. Por outro lado, nos mostra o mundo como ele realmente é – e não como os idealistas imaginam –, evidenciando os riscos de grandes proporções para um país pouco armado como o nosso. Urge discutir as consequências desta guerra para o Brasil.

Para tanto, é necessário articular as expressões do Poder Nacional, fortalecendo os seus fatores de força (superpotência energética, alimentar, aquífera, ambiental ...); e reduzindo ou ficando em condições de enfrentar os aspectos enquadrados como ameaça.

2.3 Expressão Política

A crise na Ucrânia começou com protestos na capital Kiev, em novembro de 2013, contra a decisão do Presidente ucraniano Viktor Yanukovich de rejeitar um acordo para maior integração econômica com a União Europeia. A violenta repressão das forças de segurança atraiu um número ainda maior de manifestantes, e os distúrbios se intensificaram. O Presidente deixou o País em fevereiro de 2014, refugiando-se na Rússia.

Em sequência, formou-se um governo interino, que assinou o acordo de associação à UE e se comprometeu com a adoção de reformas estruturais. Também foram realizadas novas eleições, sendo eleito como presidente o pró-ocidental Petro Poroshenko, em 25 de maio de 2014. A Rússia recusou-se a reconhecer o novo governo interino, alegando que havia ocorrido um golpe de estado.

Passaram a ocorrer distúrbios pró-russos no Sudeste e confrontação entre forças governamentais e separatistas na região de Donbas apoiados pela Rússia. A Crimeia declarou-se independente em 17 de maio e foi incorporada à Rússia. Desde que a Rússia lançou uma invasão militar em larga escala na Ucrânia, em 24 de fevereiro de 2022, os combates causaram inúmeras baixas civis e levaram milhões de ucranianos a fugir para países vizinhos e mais distantes.¹⁹

¹⁹ How the UN is supporting the people of Ukraine. Disponível: [How the UN is Supporting the People of Ukraine | unfoundation.org](https://www.unfoundation.org/en/2022/04/how-the-un-is-supporting-the-people-of-ukraine). Acessada em 17 de abril de 2022.

2.3.1 Antecedentes

A partir de 1991, com a queda da URSS, extinguiu-se a principal motivação da existência da OTAN. No entanto, o que se viu foi um movimento de expansão desta organização, incorporando novos países do leste europeu, aproximando-se, assim, da fronteira ocidental e sudoeste da Rússia. Por outro lado, neste mesmo ano, ocorre a Guerra no Iraque, deixando clara a imagem de que os EUA saíram da Guerra Fria como uma superpotência, em um mundo unipolar.²⁰

A situação gerou, na Ucrânia, discursos divergentes sobre a Rússia, pois derivam dos diferentes fatores que constituem a identidade ucraniana. Os formuladores de políticas podem influenciar profundamente a contestação entre as diferentes narrativas identitárias. Temas políticos de primordial importância para as relações UE-Rússia têm sido afetados, como: a segurança energética e a controvérsia sobre o *Nord Stream 2*, que constitui um conjunto de gasodutos para transporte de gás natural através do Mar Báltico; a crise da Ucrânia; e a intervenção militar da Rússia na Síria.

Concentrando-se nos Estados-membros da UE, que tradicionalmente assumem posições diferentes em relação à Rússia (Alemanha, Polônia e Finlândia), fica patente que, no auge da crise na Ucrânia em 2014, os discursos nacionais convergiram para uma narrativa pragmática, mas crítica. Durante a Guerra Russo-Georgiana de agosto de 2008, uma melhoria temporária nas relações ocorreu, após a eleição de Barack Obama para a presidência dos EUA e o lançamento de uma "parceria de modernização" UE-Rússia. No entanto, no final de 2011, as relações Ocidente-Rússia deterioraram-se novamente, devido ao envolvimento russo nos conflitos da Síria e Líbano, consoante a linha expressa pelo pensamento do geopolítico russo de Alexandre Dugin, que prega, basicamente, que a Rússia deve trilhar uma "Quarta Teoria Política"²¹, que a tornaria uma superpotência euroasiática^{22, 23}.

²⁰ WOŹNIAK, M. The Ukraine Crisis and Shift in us Foreign Policy. *International Studies: Interdisciplinary Political & Cultural Journal*, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 87–102, 2016. DOI 10.1515/ipcj-2016-0011. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=poh&AN=121441124&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 10 mar. 2022.

²¹ As outras três são: o liberalismo, o comunismo e o fascismo. DUGIN, Alexander. *A Quarta Teoria Política*. Traduzido por Fernando Fidalgo; Gustavo Bodaneze; Raphael Machado. Curitiba: Editora Austral 2012.

²² DUGIN, Alexander (2015). *Eurasian Mission: An Introduction to Neo-Eurasianism*. Budapeste: Arktos Media.

²³ SHLAPENTOKH, D. The Ideological Framework of Early Post-Soviet Russia's Relationship with Turkey: The Case of Alexander Dugin's Eurasianism. *Journal of Balkan & Near Eastern Studies*, [s. l.], v. 18, n. 3, p. 263–281, 2016. DOI 10.1080/19448953.2015.1096130. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=poh&AN=115861807&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 14 mar. 2022.

A Rússia é indiscutivelmente uma das questões mais relevantes para a política externa europeia. As visões divergentes importantes geralmente surgem quando os estados membros da UE são obrigados a formular uma resposta a um grande evento relacionado à política externa que tenha a Rússia como protagonista.

O confronto entre a UE e a Rússia após a anexação da Crimeia pode ser visto como o culminar de uma crise, que vinha crescendo havia anos. Desde o final dos anos 2000, em particular, a liderança russa sentiu-se cada vez confrontada pelo sistema de segurança ocidental. Isso emergiu claramente no discurso de Vladimir Putin, durante a Conferência de Segurança de Munique, em fevereiro de 2007, onde criticou o desrespeito pelo direito internacional, o alargamento da OTAN para leste e os planos de George W. Bush para implantar um sistema de defesa contra mísseis na Europa Oriental, tendo como justificativa a ameaça representada por mísseis iranianos aos países da OTAN.²⁴

A anexação russa da Crimeia e o apoio a grupos separatistas, em Donbas (Donetsky e Luganski), acirrou a xenofobia na Ucrânia. Em decorrência, em 2014, foram estipulados os Acordos de Minsk, pelos quais a Rússia se comprometia a não atacar a Ucrânia e não incitar os ucranianos de origem russa. A assinatura do acordo Minsk-2, em fevereiro de 2015, e a redução da escalada do conflito nos meses seguintes, permitiu que os líderes alemães intensificassem sua retórica, defendendo uma solução diplomática da crise e o futuro retorno a um relacionamento mais cooperativo da Europa com a Rússia.²⁵

Em 2019, Volodymir Zelensky²⁶ foi eleito presidente da Ucrânia com a proposta de retomar a Crimeia, atacar os separatistas em Donbas e solicitar ingresso na OTAN, plataforma esta que significava o fim dos Acordos de Minsk.

2.3.2 A conjuntura atual

Parar a expansão da OTAN tornou-se uma clara prioridade da política externa para a Rússia. As proposições quanto a adesão da Ucrânia e da Geórgia se intensificaram; assim como

²⁴ ROHDE, David; MOHAMMED, Arshad. Special Report: How the U.S. made its Putin problem worse. 18 de abril de 2014. Reuters. Disponível em: Special Report: How the U.S. made its Putin problem worse | Reuters. Acessado em: 19 de abril de 2022.

²⁵ APPEL, H.; TAW, J. Has Russia's Anti-NATO Agenda Succeeded? Problems of Post-Communism, [s. l.], v. 68, n. 6, p. 468–476, 2021. DOI 10.1080/10758216.2020.1844024. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=poh&AN=153952053&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 14 mar. 2022.

²⁶ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/02/24/quem-e-volodymyr-zelensky-presidente-da-ucrania.ghtml> acesso em 10 de março de 2022.

a hesitação dos principais membros europeus da OTAN em provocar a Rússia. Mas tais circunstâncias não impediram que outros países do entorno russo aderissem ao Tratado; o que teve, como consequência, o aumento dos clamores para uma adesão da Ucrânia, tanto internamente, por políticos ucranianos, quanto em outros países europeus, principalmente após a anexação russa da Crimeia em 2014. A lembrança da ofensiva russa contra a Geórgia, em 2008, não foi suficiente para dissuadi-los de que o aqodamento poderia criar uma crise grave e de consequências imprevisíveis.

A proposta política de Zelensky confrontou os interesses estratégicos russos²⁷. Com a possível inclusão da Ucrânia na aliança atlântica, a OTAN se postaria definitivamente nas fronteiras russas. Para a Rússia, isto seria inaceitável e representaria um alto risco para sua soberania. Este aspecto, possivelmente, tornou-se um dos principais fatores que levaram Putin a ordenar incursões militares em território ucraniano. Putin também manifestou claramente que não iria abdicar dos interesses estratégicos da Rússia.²⁸

No início de fevereiro de 2022, o presidente dos EUA, enviou cerca de três mil soldados americanos para a Polônia e para a Romênia, países membros da OTAN e que fazem fronteira com a Ucrânia.²⁹ Em contrapartida, imagens de satélites mostraram o maior deslocamento de tropas russas para sua fronteira com Belarus, desde o fim da Guerra Fria. As negociações entre os Estados Unidos, a Rússia e as potências europeias, principalmente França e a Alemanha³⁰, não resultaram em uma solução da crise. Mesmo o governo russo declarando que iria retirar parte das tropas, continuaram a ocorrer relatos de uma crescente concentração de efetivos russos na fronteira com a Ucrânia.³¹

Os países da União Europeia se mostraram divididos em relação às linhas de ação a serem tomadas. Alguns, como a Alemanha, que haviam renunciado à energia nuclear, dependiam do

²⁷ <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/a-intrigante-tranquilidade-do-presidente-da-ucrania-um-mes-antes-da-guerra/>

²⁸ Nato Enlargement and the Baltic States: What Can the Great Powers Do? NATO Enlargement & the Baltic States: What Can the Great Powers Do?, [s. l.], p. 1–69, 1997. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=tsh&AN=20474634&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 14 mar. 2022.

²⁹ <https://noticias.r7.com/internacional/eua-enviam-mais-500-militares-a-europa-devido-ao-conflito-na-ucrania-07032022> acesso em 10 de março de 2022

³⁰ TEFFT, J. F. Reflections on Rússia, Ukraine and the U.S. in the Post-Soviet World. Foreign Service Journal, [s. l.], p. 22–34, 2020. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=poh&AN=142311414&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 10 mar. 2022.

³¹ U.S. Relations With UkraineCountry Fact Sheets: Ukraine. [s. l.]: Superintendent of Documents, 2021. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=poh&AN=152289585&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 10 mar. 2022.

fornecimento de gás russo. A França buscava evitar uma guerra em solo europeu. Entretanto, para esses países, não convinha manterem-se neutros em uma confrontação que poderia redesenhar as fronteiras europeias.

No final de fevereiro de 2022, os Estados Unidos alertaram que a Rússia pretendia invadir a Ucrânia, citando a crescente presença militar na fronteira entre os dois países. O Presidente Vladimir Putin determinou o envio de tropas para Luhansk e Donetsk, no leste da Ucrânia, parcialmente controladas por separatistas apoiados pela Rússia. Alegou que as tropas estavam em uma missão de “manutenção da paz”. Os Estados Unidos responderam, impondo sanções às regiões de Luhansk e Donetsk e à companhia suíça *Nord Stream 2 AG* (controlada pela *Gazprom*, a gigante russa de gás que opera o referido gasoduto), alguns dias depois. No caso, as sanções proibiam empresas americanas de realizar transações ou negócios direta ou indiretamente envolvendo *Nord Stream 2 AG* e seus executivos. As empresas não americanas poderiam estar expostas a sanções secundárias dos EUA, se realizassem transações envolvendo a empresa.

Em 24 de fevereiro, enquanto ocorria uma reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas para debater a crise russo-ucraniana, o Presidente Putin anunciou início de uma invasão à Ucrânia. O Presidente Biden, por sua vez, declarou ser um ataque “não provocado e injustificado”. Desde então, emitiu severas sanções, em coordenação com aliados europeus, visando os maiores bancos da Rússia, sua indústria de petróleo e gás e exportações de tecnologia dos EUA para o país. As Nações Unidas, G7, UE e diversos países condenaram as ações russas, prometendo medidas retaliatórias.³²

As sanções agravaram as relações EUA-Rússia e aumentaram o risco de um conflito europeu mais amplo. É provável que as tensões aumentem entre a Rússia e os países membros da OTAN vizinhos, os quais tendem a envolver os EUA³³, devido aos compromissos de segurança da aliança. Além disso, o conflito na Ucrânia terá ramificações mais amplas para a cooperação futura em questões críticas, como controle de armas, segurança cibernética, não

³² Reassessing the Risk of Escalation in East Ukraine. Stratfor Analysis, [s. l.], p. 1–4, 2021. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=tsh&AN=154092581&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 10 mar. 2022.

³³ VEEBEL, V. NATO options and dilemmas for deterring Russia in the Baltic States. *Defence Studies*, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 229–251, 2018. DOI 10.1080/14702436.2018.1463518. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=poh&AN=129301528&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 14 mar. 2022.

proliferação nuclear, segurança energética, contraterrorismo e soluções políticas em regiões tensionadas.³⁴

Uma nova variável ganha força no contexto desta crise, com a inserção de outros atores, como Finlândia e a Suécia. Durante a Guerra fria, estes países nórdicos foram parceiros próximos da OTAN, mas evitaram se juntar à aliança. Mas, após a invasão da Ucrânia, manifestaram interesse de ingressar na organização, alegando que o cenário de segurança da Europa mudou substancialmente.

A Primeira-Ministra finlandesa, Sanna Marin, em declaração de 13 de abril de 2022, ressaltou que o país compartilha uma fronteira de 1.300 quilômetros com a Rússia e que deveria decidir se faria parte da OTAN “dentro de semanas”.

O aumento do orçamento de defesa russo vem alarmando os políticos suecos e finlandeses, bem como os frequentes exercícios realizados pelas forças armadas russas. Em 2013, por exemplo, a Rússia simulou um ataque nuclear contra a Suécia. Aeronaves militares russas voando sobre o mar Báltico com *transponders* inativos são frequentemente detectadas.

Tanto a Suécia como a Finlândia reagiram à política externa do Presidente Putin, aumentando os meios dedicados à defesa.

2.3.3 Consequências para o Brasil

Para o Brasil, a crise russo-ucraniana tende a criar reverberações na política nacional. Como o País busca conduzir uma política externa independente, torna-se importante buscar um posicionamento adequado em relação à situação. Uma maior gestão dos governos da Rússia e da China se faz necessária para um fortalecimento dos BRICS, principalmente como forma da Rússia atenuar as sanções econômicas impostas, como a “guerra” de commodities. A economia russa poderá se beneficiar de preços mais altos para commodities, especialmente com suas exportações de energia, já que os países da UE anunciaram sua intenção de limitar suas importações da Rússia.

As lideranças políticas devem ter atenção para os desdobramentos relacionados à Política Externa, tendo em conta os interesses nacionais. No campo interno, deve cuidar para mitigarem

³⁴ MEREACRE, A. The Baltic States -- between Nato’s Protection and Rússia’s Threat --. *Romanian Military Thinking*, [s. l.], n. 3, p. 158–181, 2021. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=tsh&AN=152955404&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 14 mar. 2022.

os efeitos do desabastecimento e do aumento de preços (inflação), com elevado potencial para gerar insatisfação popular e distúrbios. Em outro prisma, devem cuidar para atuar no sentido de viabilizar atividades econômicas que serão provocadas pelo rearrumação do sistema de comércio global, visto que as cadeias logísticas integradas mostraram a vulnerabilidade das nações, pela concentração da produção de itens vitais em poucos países. Em suma, devem atuar para diminuir o “custo Brasil”, possibilitando a ampliação do portfólio da indústria nacional, minimizando vulnerabilidades.

Cabe ressaltar que o Brasil possui interesses econômicos amplos, tanto no que se refere aos litigantes, quanto a seus aliados. Além disso, o País, por ser capaz de dialogar com as partes interessadas, pode atuar como um elemento importante na condução do processo de negociação entre elas. Trata-se de um momento importante para a política externa brasileira.

2.3.4 Conclusão Parcial

A invasão russa na Ucrânia está levantando questões sobre soberania nacional e a função do Estado, suscitando discussões com relação a temas como democracia, autocracia, direitos, humanos, *jus belli*, mundo multipolar e ordem mundial global. Isso significa que, seja qual for o resultado, pode marcar um ponto de virada para a infraestrutura de segurança do mundo. O que deve levar o Brasil a fomentar o relacionamento com países do entorno estratégico, com propósito de viabilizar a atuação do poder militar e econômico.

No resto do mundo, as consequências serão sentidas, principalmente através do aumento dos preços das commodities, o que alimentará as pressões inflacionárias já existentes. Como sempre, quando os preços das commodities disparam, os importadores de produtos alimentícios são particularmente afetados, com o espectro de grandes interrupções no fornecimento, no caso de uma escalada ainda maior do conflito. Soma-se a isto a segurança energética europeia que está em risco, devido a possível diminuição ou encerramento de fornecimento de gás russo. Isto abre uma possibilidade de maior inserção no mercado de energia por parte do agronegócio, com os biocombustíveis, e do petróleo e gás, tanto para o Brasil quanto para os países produtores do entorno, em substituição à Rússia.

Tais aspectos tem um forte envolvimento da expressão política do Poder Nacional, na medida que suas lideranças devem levar em conta o ambiente disruptivo em que nos encontramos e agir em conformidade.

2.4 Expressão Econômica

No momento, ainda não está claro o efeito das sanções econômicas impostas à Federação Russa, decorrentes da invasão da Ucrânia.

A Rússia é o 3º produtor mundial de petróleo, o 2º produtor de gás natural e está entre os cinco maiores produtores de aço, níquel e alumínio. Cerca de 60% das exportações de petróleo e gás da Rússia vão para os países da Europa (da OCDE), fato este que causa vulnerabilidades para seus integrantes, o que deverá estimular a reorganização de suas matrizes energéticas. Cerca de 20% dessa produção vai para a China, percentual que tende a aumentar, progressivamente, na medida em que novas sanções econômicas sejam impostas. O assunto petróleo também entrou diretamente na pauta da confrontação russo-ucraniana, visto que, com a anexação da Crimeia, em 2014, a Rússia apropriou-se dos campos marítimos no Mar Negro.

É também o maior exportador de trigo do mundo (quase 20% do comércio global)³⁵. Uma das consequências da redução nas exportações russas foi a demanda por alimentos, em âmbito mundial, com o potencial de gerar manifestações populares em diversos países, visto que, com preços inflacionados, o poder de compra das pessoas diminuiu.

Por oportuno, mostra-se paradoxal a crescente dependência energética da Europa em relação à Rússia, considerando os riscos previsíveis de uma política de afirmação como potência mundial, conduzida por Vladimir Putin ao longo das últimas décadas, particularmente levando em conta que, simultaneamente, os europeus se mostravam adversos nos campos político e militar, atraindo países da Europa Oriental para a UE e para a OTAN.

A Ucrânia produz 50% da oferta mundial de óleo de girassol, 10% da oferta mundial de grãos e 13% da oferta global de milho. Prevê-se que cerca de 30% das áreas de cultivo na Ucrânia não serão plantadas ou não serão colhidas este ano, por causa do ataque russo.

A Rússia foi o sexto país na pauta de importações do Brasil³⁶, em 2021, mas não está entre os dez principais destinos das exportações brasileiras. A Ucrânia não se coloca entre os dez principais parceiros, seja em importação, seja em exportação. Em 2019, a Rússia exportou

³⁵ <https://www.coface.com/News-Publications/News/Economic-consequences-of-the-Russia-Ukraine-conflict-Stagflation-ahead> acesso 09 maio de 2022

³⁶ Brazil / Russia - The Observatory of World Complexity – Disponível em [https://oec.world/en/profile/bilateral-country/rus/partner/bra#:~:text=The%20main%20products%20that%20Rússia,or%20Chemical%20Fertilizers%20\(%24434M\)](https://oec.world/en/profile/bilateral-country/rus/partner/bra#:~:text=The%20main%20products%20that%20Rússia,or%20Chemical%20Fertilizers%20(%24434M),), acesso em 08 Mar 2022.

US\$ 2,98 bilhões para o Brasil. Os principais produtos foram fertilizantes³⁷ potássicos (US\$ 813 milhões), fertilizantes nitrogenados (US\$ 640 milhões) e fertilizantes minerais ou químicos mistos (US\$ 434 milhões). Nos últimos 24 anos, as exportações da Rússia para o Brasil aumentaram 12,8% a.a., de US\$ 164 milhões em 1995 para US\$ 2,98 bilhões, em 2019. O Brasil tem baixa dependência das importações de trigo e milho, tanto da Rússia quanto da Ucrânia.

A produção agrícola no Brasil utiliza, em larga escala, fertilizantes importados da Rússia, e, em menor proporção, da Ucrânia e de Belarus (este último, situado entre Rússia e Ucrânia, não tendo acesso ao mar, também se viu afetado pelo conflito, em função de sua posição pró-Rússia³⁸). Com as restrições, haverá dificuldades para continuar contando com o fornecimento dos países envolvidos no conflito, o que poderá implicar o desabastecimento em escala internacional. Os preços dos fertilizantes deverão aumentar, com reflexos na inflação.

A Rússia não é um ator relevante para as exportações brasileiras. Os principais produtos exportados³⁹ do Brasil para a Rússia⁴⁰ foram: soja (US\$ 354 milhões), carne bovina congelada (US\$ 214 milhões) e óxido de alumínio (US\$ 128 milhões).

Uma vez que as cadeias de suprimentos foram afetadas, inclusive pelas restrições impostas aos transportes marítimos, o comércio internacional deverá sofrer estrangulamentos, diminuição de oferta e consequente aumento de preços. As decisões políticas de aplicar sanções econômicas contra a Rússia provocaram a disrupção de várias cadeias produtivas, com destaque para a de combustíveis, tendo reflexos sobre as matrizes de transportes e geração de energia. Com isso, já existem focos de questionamentos, gerando a possibilidade de aumento da nacionalização da produção de itens, o que impactaria as cadeias globais existentes.

A demanda brasileira por fertilizantes totalizou 43 milhões de toneladas, durante os 11 meses até novembro de 2021, e a matéria-prima importada respondeu por 83%, ou 36 milhões

³⁷ Agostini, R., Guerra provoca suspensão da venda de fertilizantes russos ao Brasil, diz ministra, CNN Brasil, Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/guerra-provoca-suspensao-da-venda-de-fertilizantes-russos-ao-brasil-diz-ministra/>, acesso em 08 Mar 2022.

³⁸ A Lituânia, vetou o acesso de Belarus ao porto de Klaipeda, no Mar Báltico, por onde era exportada a amônia. (Belarus desvia carregamentos de potássio da Lituânia para a Rússia, diz primeiro-ministro. Revista Globo Rural. 02 de fevereiro de 2022. Disponível: Belarus desvia carregamentos de potássio da Lituânia para a Rússia, diz primeiro-ministro - Revista Globo Rural | Infraestrutura e Logística. Acessado em: 19 de abril de 2022).

³⁹ Russia and Ukraine Conflict Likely to Impact Brazilian Issuers Across Several Sectors, Fitch Ratings, Disponível em <https://www.fitchratings.com/research/corporate-finance/Russian-ukraine-conflict-likely-to-impact-brazilian-issuers-across-several-sectors-04-03-2022>, acesso em 08 Mar 2022.

⁴⁰ Balança comercial: veja ranking dos principais parceiros do Brasil em 2021, G1 Economia, Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/01/04/balanca-comercial-veja-ranking-dos-principais-parceiros-do-brasil-em-2021.ghml>, acesso em 08 Mar 2022.

de toneladas, sendo 8 milhões de toneladas relacionadas às importações russas. A segunda safra de milho, prevista para iniciar em junho de 2022, não deve ser afetada, pois os fertilizantes já foram adquiridos e aplicados nos campos. No entanto, a redução da oferta de fertilizantes durante a temporada de plantio de grãos no verão, a partir de outubro de 2022, poderá afetar a produtividade.

O Brasil processará 14 milhões de toneladas de trigo, na safra 2021/2022, sendo 6,5 milhões de toneladas provenientes de importações. A Argentina é o maior fornecedor de trigo do Brasil, mas as expectativas de restrições de oferta já elevaram os preços internacionais. Os preços do trigo aumentaram 45% em 2022, até 3 de março, após um aumento de 21% em 2021.

Os processadores brasileiros de milho também serão impactados, já que a Ucrânia é o terceiro maior exportador de milho do mundo. Um aumento nos preços do milho pressionaria as margens dos produtores brasileiros de aves, embora exportadores como a BRF possam se beneficiar de vendas mais altas para o Oriente Médio, já que as vendas de aves da Ucrânia para essa região foram afetadas sensivelmente. A Ucrânia é o oitavo maior exportador de aves do mundo, com presença relevante na Arábia Saudita.

2.4.1 Consequências para o Brasil

Embora o Brasil não dependa diretamente da produção russa, a manutenção dos preços do petróleo e do gás natural em patamares elevados deve pressionar a inflação e a taxa de juros do país, impactando negativamente a economia em geral. Assim, a maior preocupação de curto prazo do governo brasileiro com as consequências do conflito é o aumento dos preços de combustíveis. Um indicador notável é que em 11 de janeiro de 2022, o petróleo do tipo Brent estava cotado a, aproximadamente, US\$ 82,00 o barril. Em 08 de março, estava cotado a US\$ 132,00 - uma expressiva valorização de 60%.

Também é necessário considerar os efeitos do conflito na questão dos alimentos, em especial quanto aos impactos esperados sobre a oferta mundial de milho. A restrição ao transporte de cargas, a redução da produção ucraniana e a possível redução da brasileira pela carência de fertilizantes (fundamentalmente aqueles que tem combustíveis fósseis como matéria-prima), deve afetar o Brasil, pois o milho é o principal insumo para a alimentação de aves e suínos.

A cadência de recuperação da economia mundial pós-pandemia, que se encontrava em níveis incipientes no início do conflito, foi fortemente perturbada, além de ter instaurado instabilidade (que se traduz em volatilidade financeira). Como consequências diretas possíveis

para o Brasil pode-se elencar: (i) a alta da inflação, causada pelo efeito real dos preços (conforme citado em relação aos combustíveis e alimentos), bem como pela incerteza de perspectivas futuras; e (ii) a redução de investimentos, com implicações nos níveis de produção, emprego e renda. Ou seja, há risco de se instaurar um grave fenômeno econômico: a estagflação^{41, 42}.

A médio e a longo prazo existe a tendência para abertura de oportunidades para o Brasil com maior espaço para commodities agrícolas e energéticas. O País deve buscar opções para a substituição dos atuais fornecedores e estar preparado para se contrapor aos efeitos econômicos do aumento de preços.

Adicionalmente, o setor industrial poderá sofrer novas demandas, com o retorno da produção de produtos de importância estratégica (exemplo: fertilizantes), cuja falta mostrou-se relevante ao longo da longa crise decorrente do COVID-19 e, agora, também com a invasão da Ucrânia, em função do colapso das cadeias logísticas integradas. Por outro lado, existe a expectativa de aumento da demanda relacionada à Base Industrial de Defesa.

2.4.2 Conclusão parcial

O volume de exportações ucranianas e russas é significativo, de forma que as consequências do conflito já estão impactando o comércio internacional em seus patamares de preços. O principal efeito relaciona-se aos combustíveis fósseis que, por permearem diversas cadeias produtivas, tem potencial para gerar pesadas consequências econômicas.

Além disso, a recuperação mundial pós-pandemia foi duramente afetada pelo conflito, o que torna realística a possibilidade de estagflação (estagnação econômica associada a inflação persistente) no mundo e, em particular, ao Brasil. Trata-se de uma condição de difícil reversão, que tem como um dos primeiros sintomas, a implementação errática de ações por parte de bancos centrais.

⁴¹ Guerra na Ucrânia abala cadeias de suprimentos e ameaça elevar inflação, Revista Exame, Disponível em <https://exame.com/economia/guerra-na-ucrania-abala-cadeias-de-suprimentos-e-ameaca-elevar-inflacao/>, Publicado em 06/03/2022, Acessado em 09/05/2022

⁴² Entenda o que é estagflação, termo que ganhou mais força com a guerra na Ucrânia, Rede de notícias CNN, , Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/business/entenda-o-que-e-estagflacao-termo-que-ganhou-mais-forca-com-a-guerra-na-ucrania/>, Publicado em 30/04/2022, Acessado em 09/05/2022

2.5. Expressão Militar

Desde a ocupação da Crimeia e o apoio a separatistas pró-Rússia na região de Donbas, em especial nas províncias de Donetsk e Luhansk, em 2014, parecia improvável que a Rússia escalaria as suas pretensões, avançando militarmente em maior dimensão no território ucraniano. Preferiria, ao contrário, manter um “*status quo*” geopolítico sustentado por uma “guerra híbrida” (abaixo do limiar de uma guerra convencional), que impedisse a Ucrânia de ser aceita na OTAN, haja vista que, a existência de um estado de beligerância interno não atenderia critérios adequados para sua aceitação por parte daquela aliança militar.

Por outro lado, a ofensiva russa contra a Geórgia, em 2008 e a ocupação da Crimeia em 2014, não foram suficientes para convencer o Ocidente da importância que a Rússia conferia à evolução do processo de cooptação por que passava a “Pequena Rússia” (como denominavam a Ucrânia no passado), a ponto de dissuadir e levar a UE e a OTAN a uma postura mais moderada. É oportuno destacar que se observou uma falha relevante do Ocidente, ao não reconhecer que, enquanto a União Soviética fora um inimigo ideológico que colapsara, a Rússia mantinha-se como um país de relevo crescente, a merecer atenção da política externa, considerando os seus interesses e peso nas diversas expressões de Poder.

A escalada da crise, que resultou em “operações especiais” por parte da Federação Russa no território ucraniano, nas primeiras horas do dia 24 de fevereiro de 2022, foi iniciada nos meses de novembro e dezembro de 2021, com o deslocamento, a partir de várias regiões da Rússia, de mais de 100 mil soldados e um conjunto de aparatos militares, como veículos blindados e armamentos (BROWN, 2022)⁴³, para a sua fronteira com o país do Leste Europeu, além do posicionamento de unidades da Marinha no Mar Negro, o que gerou uma sensação de insegurança no governo de Kiev, interpretando tais movimentos como uma ameaça potencial a seu país.

No que se refere ao objetivo deste ensaio, busca-se refletir sobre aspectos da estratégia russa de emprego de seus meios militares para a conquista de seu provável objetivo político de maior relevância, qual seja, depor o atual governo e instalar outro alinhado com Moscou, trazendo de volta a Ucrânia para sua efetiva zona de influência (FIX; KIMMAGE, 2002)⁴⁴, sem

⁴³BROWN, David. Ukraine conflict: Where are Russia's troops?. 23 fev 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-60158694>. Acesso em: 06 mar 2022.

⁴⁴FIX, Liana; KIMMAGE, Michael. What Does Putin Want with Ukraine—and How Does He Plan to Get It?. 11 jan 2022. Disponível em: <https://www.gmfus.org/news/what-does-putin-want-ukraine-and-how-does-he-plan-get-it>. Acesso em: 06 mar 2022.

causar grandes danos às infraestruturas críticas daquele país. Inicialmente, não se vislumbrou possibilidade de uma ocupação e de anexação permanente de todo território ucraniano à Federação Russa, mas a criação de regiões independentes que configurariam “estados-tampões” (“*buffer states*”), a exemplo daqueles que compunham a antiga Cortina de Ferro.

As notícias veiculadas pela mídia indicam um emprego não-tradicional do Poder Militar, ao menos no que se tem observado em tempos recentes. Neste ponto, torna-se oportuno trazer o conceito de “doutrina militar” descrito no Glossário das Forças Armadas (BRASIL, 2016)⁴⁵:

Conjunto harmônico de ideias e de entendimentos que define, ordena, distingue e qualifica as atividades de organização, preparo e emprego das Forças Armadas. Englobam, ainda, a administração, a organização e o funcionamento das instituições militares. (BRASIL, 2016, p.94)

No que se refere à doutrina de emprego do Poder Aeroespacial, em especial quanto à Força Aérea, pensadores e teóricos foram, com o passar do tempo, adaptando conceitos doutrinários ao contexto político e tecnológico, podendo ser vislumbradas quatro gerações da Teoria do Poder Aéreo, sendo pertinente apontar a quarta geração que traz John Warden III e Robert Pape Jr. como principais teóricos, em face de suas experiências nas guerras modernas. No caso, a Teoria dos Círculos Concêntricos, visando a paralisia sistêmica do inimigo, e a utilização do Poder Aéreo como forma de coerção a serviço do Poder Político, por intermédio da “*punishment* (punição por destruição), *risk* (atingir determinados alvos importantes de forma gradual), *denial* (enfraquecer ou destruir forças militares) e *decapitation* (destruir a liderança e sua capacidade de comando)” (BRASIL, 2020, p. 27)⁴⁶.

Tais colocações induzem ao entendimento de que o emprego do Poder Aeroespacial deve ocorrer antes e concomitante com a aplicação das demais Forças, criando condições de obter, o mais breve possível, o domínio do espaço aéreo como sustentáculo das operações de superfície.

Do mesmo modo, o Poder Naval foi empregado projetando poder sobre terra, seja com o emprego de mísseis de cruzeiro e bombardeio naval contra alvos relevantes, a partir de unidades operando no Mar Negro, desde o início da operação; bem como com operações de caráter anfíbio, desembarcando fuzileiros navais.

⁴⁵ BRASIL. Ministério da Defesa, Glossário das Forças Armadas (MD 35G-01), Aprovado pela Portaria Normativa nº 9/GAP/MD, de 13 de 2016.. Disponível em: https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/141/1/MD35_G01.pdf. Acesso em 06 mar 2022.

⁴⁶ BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira, Vol I. Disponível em: https://www2.fab.mil.br/unifa/ppgca/images/conteudo/D-QBRN/DCA_1-1_DOCTRINA_Básica_da_Força_ÁREA_BRASILEIRA_-_VOLUME_1_2020.pdf. Acesso em 06 mar 2022.

Na primeira Guerra do Golfo (1990-1991), por exemplo, a campanha terrestre contra o Iraque – iniciada (coincidentalmente) no dia 24 de fevereiro, porém de 1991 -, somou apenas cem horas para sufocar as forças de Saddam Hussein, mas foi precedida de “trinta e oito dias de ataques aéreos e de mísseis de cruzeiro contínuos a alvos no Iraque e no Kuwait” (SCHUBERT e KRAUS, 1998, p.254)⁴⁷. Destaca-se que este foi o primeiro emprego coordenado de ataques por parte de aeronaves e mísseis de cruzeiro Tomahawk⁴⁸ lançados de navios. Combinação que foi avaliada como de grande eficácia.

Esperava-se, por exemplo, que houvesse uma maciça campanha aérea russa de maneira a eliminar o emprego do poder aéreo ucraniano, antes da movimentação de tropas pelo território invadido. Porém, o emprego de aeronaves foi limitado aos cinco primeiros dias de campanha e, mesmo assim, sem deter nem eliminar as aeronaves ucranianas e seus meios de comunicação e controle.

Nas pesquisas e reflexões do doutorando e pesquisador do Departamento de Estudos de Defesa do Kings College London (KCL), Justin Bronk:

[...] a Força Aeroespacial Russa (VKS) estaria com dificuldades em operar em ambiente de operações complexas, pela baixa capacidade operacional de seus pilotos em realizar bombardeios de precisão sem a utilização de armas guiadas, haja vista que estas estariam em escassez nos estoques russos após o uso em larga escala nas operações na Síria (BRONK, 2022)⁴⁹

Por outro lado, Bronk acredita também que o VKS avaliou o risco de utilização de suas aeronaves frente a sua dificuldade de desconflitar as missões em larga escala com a atividade dos SAMs russos operados pelas Forças Terrestres, evitando o indesejado “fogo amigo”. Neste aspecto nota-se que Bronk infere, mais uma vez, a falta de operacionalidade tanto das tripulações como dos sistemas russos de atuar de forma conjunta.

Muito embora o exposto pelo doutorando do KCL, cabe ressaltar que não foi considerada a enorme assimetria de meios aéreos entre russos e ucranianos, o que, poderia

⁴⁷ SCHUBERT, Frank. N; KRAUS, Theresa L. *Tempestade do Deserto*. Centro de História Militar do Exército dos Estados Unidos; trad. de Luis Cesar Fonseca – Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed. 1998.

⁴⁸ O Tomahawk é um míssil subsônico de elevada precisão, operado pela Marinha dos EUA e pela Marinha Real Britânica. É lançado a partir de navios de superfície e de submarinos. Tem um alcance de cerca de 2.400 km (cerca de 1.300 milhas náuticas) e voa a 885 km/h. possui cabeça de combate com a capacidade de 1000 libras de alto-explosivo ou ogiva de submunições. Report to Congressional Committees (April 1995): Cruise Missiles – Proven Capability Should Affect Aircraft and Force Structure Requirements. Disponível: <https://www.govinfo.gov/content/pkg/GAOREPORTS-NSIAD-95-116/html/GAOREPORTS-NSIAD-95-116.htm>. Acessado: 19 de abril de 2022.

⁴⁹ BRONK, Justin. The Mysterious Case of the missing russian air force. Royal United Services Institute (RUSI). 28 fev 2022. Disponível em: <https://rusi.org/explore-our-research/publications/commentary/mysterious-case-missing-russian-air-force>. Acesso em 05 mar 2022.

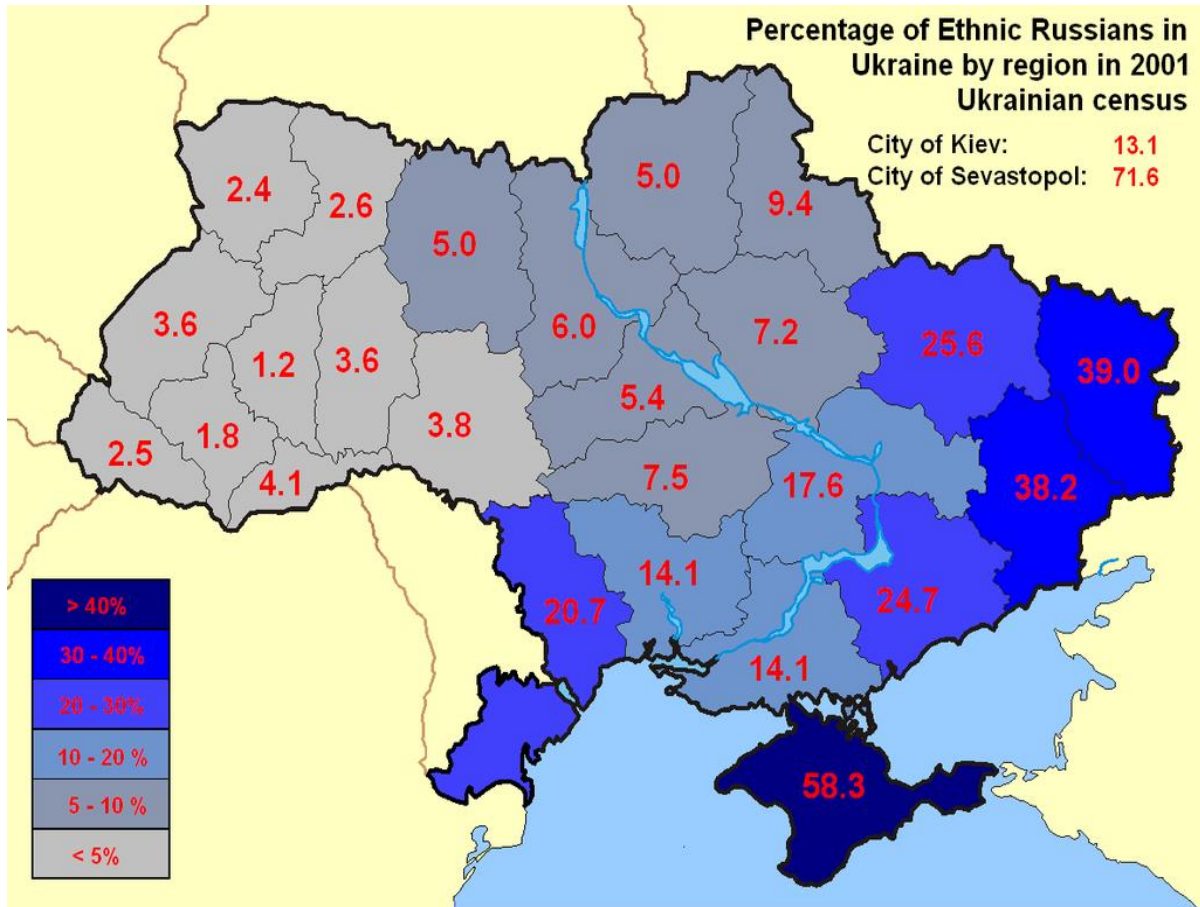
justificar que a VKS ponderasse em não utilizar suas aeronaves de ponta (tais como os caças de ataque SU-34, com munições guiadas, ou os atualizados SU-35, multimissões), deixando possíveis investidas aéreas ucranianas para serem rechaçadas pelas defesas antiaéreas móveis russas, reservando suas aeronaves avançadas de caça, já posicionadas próximas à fronteira ucraniana, para um momento em que, talvez, entrassem em cena outros atores, como por exemplo, a OTAN, em uma possível fixação de uma zona de exclusão aérea na Ucrânia, o que representaria uma escalada significativa no confronto. Tal retraimento de forças do VKS nos primeiros dias de conflito armado na Ucrânia faria, portanto, transparecer uma prudente postura estratégica.

Nas análises prospectivas sobre o avanço da campanha terrestre russa na Ucrânia, o professor de história militar do Departamento de Estudos de Guerra da Universidade do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, Edward Erickson, em entrevista ao site TRT World (ENTREVISTA)⁵⁰, alinha-se ao cuidado que devemos ter ao utilizar notícias como fontes primárias e únicas do conflito. Para ele, outros elementos imprescindíveis devem ser considerados, tais como, o objetivo político perseguido e as possíveis estratégias decorrentes.

Em uma breve verificação dos avanços russos no território ucraniano, nota-se um cuidado de, por um lado, conquistar cidades do sul, leste e sudeste da Ucrânia, regiões que contém maioria simpatizante ou alinhada com o “russianismo” (veja o quadro a seguir).

Ao serem observados os avanços em face da proteção de populações que se consideram russas, parece compreensível entender o cuidado de não aplicar o poder terrestre maciçamente, de maneira a não provocar baixas indesejáveis, que suscitariam o ódio ao governo de Moscou, entendendo que, mais a frente, estas populações serão, no contexto psicossocial, importantes para a manutenção ou criação de territórios ocupados pró-Rússia.

⁵⁰ Entrevista. O exército russo está alcançando seus objetivos estratégicos na guerra da Ucrânia? Disponível em: <https://www.trtworld.com/magazine/is-the-russian-army-achieving-its-strategic-goals-in-the-ukraine-war-55328>. Acesso em: 06 mar 2022. LUOGLO. Murat. Is the Russian army achieving its strategic goals in the Ukraine war Is the Russian army achieving its strategic goals in the Ukraine war?



Fonte: Censo ucraniano de 2001 (CENSO, 2001) ⁵¹.

Não é objeto de este ensaio adentrar em considerações sobre a doutrina do General russo Valery Gerasimov, porém cabe destacar trecho de suas reflexões sobre o que seriam as “novas guerras”.

As regras da guerra mudaram e os métodos do conflito envolvem o uso alargado de todos os instrumentos de poder ao dispor de um Estado; uma ampla variedade de capacidades e de meios não militares para atingir os objetivos. [...] Argumenta, ainda, que “as forças regulares devem ser postas em prática apenas no final das fases do conflito, muitas vezes sob o disfarce do Forças de Manutenção de Paz ou forças de gestão de crises”. (KASAPOGLU, 2015)⁵²

Criar pânico nas populações civis, com levas de refugiados em direção a países alinhados com o Ocidente (Polônia, por exemplo), estaria em conformidade com os efeitos psicológicos objetivados por Moscou (e com a doutrina Gerassimov), no que se refere a gerar sérios

⁵¹ CENSO. Censo ucraniano de 2001. Disponível em:

https://en.wikipedia.org/wiki/Russians_in_Ukraine#cite_note-census-1. Acesso em 06 mar 2022.

⁵² KASAPOGLU, Can, 2015. Research Paper 121: "Russia's Renewed Military Thinking: Non-Linear Warfare and Reflexive Control ". Disponível em: <https://www.ndc.nato.int/news/news.php?icode=877>. Acesso em 06 mar 2022.

problemas de gestão em potenciais interventores no conflito, desviando suas capacidades e recursos, que eventualmente seriam utilizados em apoio à defesa da Ucrânia.

Nos últimos noticiários visualiza-se a intenção de países como Finlândia, Suécia e Polônia de enviarem material de emprego militar para Ucrânia, ampliando o risco de ocorrerem incidentes entre esses países e a Rússia, e o conseqüente alastramento do conflito.

Como se verifica, a estratégia terrestre russa também articula à doutrina tradicional, com novas variáveis, fazendo transparecer, possivelmente, sofisticadas linhas estratégicas pré-concebidas.

2.5.1 Consequências para o Brasil

Em razão do crescimento da demanda de materiais de emprego militar haverá uma maior pressão dos grupos de influência para que o Brasil desenvolva sua Base Industrial de Defesa.

O País por ser um tradicional acolhedor de refugiados pode vir a ser demandado a receber refugiados ucranianos, inclusive por já existir uma colônia de ucranianos no Paraná.

O conflito em curso demonstra a realidade que muitos querem negar: o uso da força para solucionar questões entre estados nacionais. Como consequência que exige a reflexão de toda sociedade brasileira, emerge a necessidade de desenvolver uma cultura estratégica de defesa. O planejamento de longo prazo para estruturar uma Base Industrial de Defesa que favoreça soluções autóctones e sustentáveis em caso de um conflito é uma delas.

2.5.2 Conclusão Parcial

A guerra informacional tem dificultado a realização de análises mais profundas no campo militar durante o desenvolvimento do conflito na Ucrânia. Existem inúmeros interesses dos países europeus e das potências centrais se chocando, e dificultando uma solução pacífica do conflito.

O uso da força continua a ser um recurso utilizado para solucionar divergências, materializando a importância de se desenvolver uma cultura estratégica de defesa como forma de dissuadir possíveis agressores.

O cenário vislumbrado permite inferir que é grande a possibilidade de emprego do Poder Militar Brasileiro no Entorno Estratégico, na medida que as crises que estão ocorrendo em várias áreas supridoras aguçam os interesses de países de outras regiões, podendo ocorrer

disputas de poder. Existe uma janela de oportunidade para o desenvolvimento da Base Industrial de Defesa nacional, como fornecedor de outros países.

2.6 Expressão Científica e Tecnológica

A escalada científica e tecnológica observada nos séculos XX e XXI viabilizou o desenvolvimento (em curso) de meios militares capazes de instaurar grandes desbalanceamentos entre os Estados. Exemplos notáveis dessas tecnologias *pivot* são:

- (i) a capacidade de coleta de inteligência em um patamar sem precedentes (fruto da extrema digitalização, da utilização de satélites e drones sofisticados, do uso de inteligência artificial e da computação de alto desempenho);
- (ii) a corrida por artefatos hipersônicos⁵³; e
- (iii) a cibernética⁵⁹.

Em realidade, trata-se de uma corrida armamentista que, em virtude do acirramento multilateral de posições, face à escalada da crise entre Rússia e Ucrânia, deverá se aprofundar.⁵⁴

Em complemento, o conceito de guerra híbrida, formulado em 2007 por Hoffman⁵⁵, considera o uso de componentes regulares e irregulares aplicados de forma coordenada, simultânea e sinérgica, de forma a estabelecer um efeito decisivo, ao invés de colateral, ainda que, eventualmente, baseado em ações abaixo da linha de confronto militar. Nesse contexto, ganha destaque a atuação no campo cibernético, pela capacidade de infligir danos ao oponente com baixo custo e invisibilidade de ações, que, segundo Maurer e Mannan⁵⁶, permite que o autor (i) escape das consequências das leis e tratados internacionais; (ii) mantenha a plausibilidade de um discurso de negação de autoria; e (iii) estabeleça engajamento quando a opinião pública se encontra desfavorável a ações militares.

A capacidade de atuação da Rússia no espaço cibernético pode ser compreendida pelas ações empreendidas (ou a ela atribuídas) ao longo dos últimos anos. Particularmente, desde de

⁵³ Mike Stone, U.S. in hypersonic weapon 'arms race' with China -Air Force secretary, Reuters November 30, 2021, Disponível em [https://www.reuters.com/business/aerospace-defense/us-hypersonic-weapon-arms-race-with-china-air-force-secretary-2021-11-30/#:~:text=WASHINGTON%2C%20Nov%2030%20\(Reuters\),%20speed%20next%20generation%20arms](https://www.reuters.com/business/aerospace-defense/us-hypersonic-weapon-arms-race-with-china-air-force-secretary-2021-11-30/#:~:text=WASHINGTON%2C%20Nov%2030%20(Reuters),%20speed%20next%20generation%20arms). e acesso em 08/03/2022.

⁵⁴ Tom O'Connor, Ukraine Conflict Risks New U.S.-Russia Arms Race, World Closer to Nuclear War, Newsweek 04/03/2022, Disponível em <https://www.newsweek.com/ukraine-conflict-risks-new-us-russia-arms-race-world-closer-nuclear-war-1684362> acesso em 08/03/2022.

⁵⁵ Hoffman, F.G., 2007. Conflict in the 21st century: The rise of hybrid wars. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies.

⁵⁶ Maurer, T., & Mannan, S.H. (2019). Projecting Power: How States Use Proxies in Cyberspace.

2007, são realizados ataques cibernéticos atribuídos à Rússia, cujas dimensões são compatíveis com o poder do Estado. Naquele ano, a Estônia⁵⁷, país com elevada digitalização de serviços públicos, sofreu ataques que indisponibilizaram alguns serviços governamentais.

Esses ataques, do tipo “*denial-of-service*” (DoS – negação de uso), podem ser compreendidos como a realização simultânea de inúmeras consultas a um site (previamente comandadas, de modo a superar sua capacidade de processamento e saturá-lo). Essas consultas partem de computadores espalhados no mundo todo. A estratégia prevê, portanto, uma fase preliminar de contaminação de vários equipamentos, sem o conhecimento de seus operadores, para que executem as ações de ataque de forma sincronizada, ao comando do ofensor.

Em 2008, foram realizados ataques também atribuídos à Rússia, pela primeira vez em coordenação com uma campanha militar (contra a Geórgia⁵⁸). Também foram do tipo DoS e afetaram, em uma primeira fase, sites do governo e da mídia local, estendendo-se posteriormente a instituições financeiras, empresas, instituições de ensino, mídia ocidental (BBC e CNN), dentre outros. Seus efeitos variaram desde a incapacidade de recuperação das estruturas danificadas (pela incompreensão de se tratar de um ataque), até efeitos sociais em massa (decorrentes, por exemplo, do não recebimento de pagamentos de salários e pensões, desabastecimento pela falta de articulação logístico/financeira de empresas, dentre outros).

Em 2015 e em 2016, a Ucrânia⁵⁹ sofreu ataques a sua rede elétrica, atribuídos à Rússia, com elevado nível de sofisticação. Em 2015, houve uma fase inicial de reconhecimento detalhado da infraestrutura de energia ucraniana (por meio da invasão de redes e contaminação de equipamentos com programas ocultos, os quais viabilizam ações de comando e controle da rede por parte de terceiros, sem conhecimento de seus usuários).

Em fases subsequentes, foram realizadas interferências em sistemas de supervisão e controle da rede de distribuição de energia, em sincronia com medidas colaterais (inabilitação de sistemas de energia auxiliares dos equipamentos de supervisão, bem como de suas interfaces de comunicação, das linhas telefônicas de suporte técnico, dentre outros), o que levou à

⁵⁷ Kertu Ruus, *Cyber War I: Estonia Attacked from Rússia*, European Affairs: Volume number 9, Issue number 1-2 in the Winter/Spring of 2008.

⁵⁸ Paulo Shakarian, *Análise da Campanha Cibernética da Rússia Contra a Geórgia, em 2008*, Army University Press, Military Review. Novembro-Dezembro 2011

⁵⁹ Ben Buchanan, *The Hacker and the State: Cyber Attacks and the New Normal of Geopolitics*, Harvard University Press, 2020.

instauração de um cenário ininteligível e cuja recuperação exigiu a presença física de técnicos em vários pontos simultaneamente.

Já o ataque de 2016, apresentou um nível de engenharia e sofisticação extraordinariamente mais significativo do que o de 2015, em uma demonstração de capacidade comparável à empregada nos ataques às centrífugas iranianas (cuja preparação contou com a reprodução de parte da planta de produção para que fossem testados os mecanismos de atuação e ataque por meio de Stuxnet⁵⁹).

Também em 2016, houve a alegada interferência russa nas eleições norte americanas, em que um dos elementos fundamentais foi o vazamento de informações privadas, institucionais e políticas, levando a uma onda de constrangimentos políticos de grandes proporções. Esses vazamentos foram viabilizados por uma campanha paciente e extensa de coleta de informações.

Neste ponto, é importante citar que, em 2016, houve o vazamento das ferramentas de operações cibernéticas mais sofisticadas até então existentes (e empregadas pela *National Security Agency* norte-americana - a NSA), por parte de um grupo autodenominado *Shadow Brokers*, em troca de pagamentos financeiros, o que alimentou grupos e forças cibernéticas do mundo todo com capacidades avançadas.

Em 2017, a Ucrânia sofreu novo ataque, atribuído à Rússia, denominado *NotPetya*, considerado o maior ataque já realizado na história, cujos prejuízos foram estimados em 10 bilhões de dólares. Sua atuação foi concentrada em promover o colapso de processos de negócios de empresas, da administração pública e da arrecadação de impostos, tendo transbordado para fora das fronteiras nacionais, atingindo grandes companhias (Maersk, FedEx, Merck, dentre outras), o que levou a significativo impacto logístico internacional.

Instaurado o conflito, informações sobre ações cibernéticas despontaram na imprensa, numa clara demonstração de que a mídia é palco para os oponentes na guerra de informações, de forma que se torna pouco confiável citar ou tecer análises a partir de notícias.

Com esse viés, pouco antes da invasão russa, foram identificadas ao menos 237 operações⁶⁰ contra a Ucrânia, cuja autoria foi atribuída à Rússia, com ataques destrutivos e atividades de inteligência. Os ataques não apenas degradaram os sistemas de instituições da Ucrânia, mas também tentaram interromper o acesso das pessoas a informações confiáveis e

⁶⁰ The hybrid war in Ukraine, Disponível em <https://blogs.microsoft.com/on-the-issues/2022/04/27/hybrid-war-ukraine-Russia-cyberattacks/>, Publicado em 27/04/2022, Acessado em 09/05/2022

serviços vitais essenciais dos quais os civis dependem. Também foi identificada alguma atividade de inteligência sobre Estados membros da OTAN.

Ao longo do conflito, foram observadas ações cibernéticas correlacionadas ou diretamente sincronizadas com as operações militares cinéticas russas. 32% dos ataques destrutivos, ao longo da campanha russa, foram direcionados para serviços e organizações governamentais e mais de 40% dos ataques destrutivos foram direcionados a infraestruturas críticas com efeitos diretos sobre o governo ucraniano, estrutura militar, economia e população civil.

No momento, tem sido considerado pela imprensa que a intensidade e o volume dos ataques cibernéticos da Rússia se mostraram limitados^{61, 62}, dada a sua capacidade. Algumas possíveis razões para isso seriam: (i) o entendimento de que as ações cinéticas seriam suficientes; (ii) o intuito de preservar infraestruturas que seriam úteis para a Rússia no futuro; (iii) uma melhor capacidade de defesa cibernética ucraniana, como resultado das ofensivas que sofreu em passado recente; e (iv) a supervalorização da capacidade de ação cibernética russa, a qual não seria tão avançada como se imaginava. Num outro extremo, também é considerada a possibilidade de um ataque cibernético contundente em momento oportuno.

Por outro lado, é razoável considerar que o aparato ocidental de atuação no espaço cibernético esteja a serviço da Ucrânia e de seus apoiadores. Este aparato pode ser sumarizado pelas seguintes capacidades⁵⁹:

- Aliança de cooperação entre Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, que detém grande parte da infraestrutura física de telecomunicações de longa distância, e que efetua massivas coletas passivas de informações. Esta aliança conta com a cooperação de grandes empresas de telecomunicações norte-americanas (AT&T, Verizon, dentre outras), que tem ramificações e pontos de acesso no mundo todo – trata-se da aliança *Five Eyes*;

⁶¹ Guerra na Ucrânia: Ataques cibernéticos da Rússia crescem, mas com menor poder ofensivo, Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/04/guerra-na-ucrania-ataques-ciberneticos-da-Russia-crescem-mas-com-menor-poder-ofensivo.shtml>, Publicado em 27/04/2022, Acessado em 05/04/2022

⁶² Where is Rússia's cyberwar? Researchers decipher its strategy, Disponível em <https://www.nature.com/articles/d41586-022-00753-9>, Publicado em 18/03/2022, Acessado em 09/05/2022.

- Parceria entre a NSA e grandes empresas veiculadoras de conteúdo e que proveem serviços “na nuvem” (*Google, Facebook, Amazon, etc*), cujos detalhes foram revelados à imprensa em 2013 por Edward Snowden (no caso *Wikileaks*) – trata-se do projeto PRISM;
- A capacidade de coleta viabilizada pelo *Five Eyes*, em conjunção com o PRISM e outros mecanismos, produz um grande volume de dados, que são avaliados por uma robusta capacidade computacional. Esta capacidade computacional também é empregada para quebra de senhas de acesso e de mecanismos de criptografia;
- Sua capacidade de produção de códigos (programas) maliciosos está num nível de sofisticação que permite monitorar *hackers* para descobrir seus objetivos e quais informações já coletaram, sem que sejam percebidos, em operações de contrainteligência;
- A atuação da NSA se ampara em previsão legal estabelecida no *Foreign Intelligence Surveillance Act – FISA*.

O conflito cibernético Rússia versus Ucrânia é complementado pela guerra de informações instaurada na mídia, além da natural ocultação das ações por parte dos Estados⁶³. Mas ações de ambos os lados, certamente, estão ocorrendo⁶⁴. Nesse contexto, é notável a iniciativa do governo ucraniano, que recrutou *hackers* simpatizantes da causa daquele Estado, para atuarem contra a Rússia, formando o “*IT Army of Ukraine*”⁶⁵.

2.6.1 Consequências para o Brasil

Inicialmente, é relevante citar conclusões formuladas pelo Observatório Militar da Praia Vermelha (ECEME)⁶⁶, conforme transcrito a seguir:

⁶³ Jamie Collier, Proxy Actors in the Cyber Domain: Implications for State Strategy. *St Antony’s International Review*, vol. 13, no. 1, *St. Antony’s International Review*, 2017, pp. 25–47.

⁶⁴ Shin Suzuki, A guerra cibernética paralela entre Rússia e Ucrânia, *BBC News Brasil*, São Paulo 1 março 2022, disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60551648> e acesso em 04/03/2022.

⁶⁵ Patrick Howell O’Neill, The propaganda war has eclipsed cyberwar in Ukraine: Frauds, liars, and grifters are adding to the chaos of the fighting. *MIT Technology Review*, março de 2022, disponível em <https://www.technologyreview.com/2022/03/02/1046646/the-propaganda-war-has-eclipsed-cyberwar-in-ukraine/> e acesso em 04/03/2022

⁶⁶ Disponível em http://ompv.eceme.eb.mil.br/images/conter/criseru/Panorama_do_Conflito_da_Ucrnia_Nr001.pdf e acesso em 04/03/2022.

- 1) O uso da Inteligência Estratégica (conhecimento estratégico) - dentro de todas as expressões do poder, notadamente da caracterização do teatro de operações estabelecido, da Ucrânia - por parte da Rússia, facilitou as ações operacionais ofensivas em profundidade em ataques às Estruturas Estratégicas militares da Ucrânia.
- 2) O uso de fontes que envolvem desenvolvimento de tecnologia – drones, satélites e exploração cibernética – vem sendo utilizada largamente nesta Guerra do Século XXI, em detrimento das fontes de inteligência humanas, apontando para onde está caminhando a Função de Combate de Inteligência no futuro, mais voltada para os sensores tecnológicos.
- 3) A Internet vem se mostrando como um meio em que se pode buscar a técnica de desinformação e dissimulação por parte das tropas, não podendo ser fonte fidedigna dos fatos.

O uso do espaço cibernético não pode ser desvendado no transcorrer do conflito, em virtude da guerra de informações que oculta ou distorce as ações e seus efeitos. Contudo, a capacidade empregada no passado recente pela Rússia e a capacidade de que dispõe os Estados Unidos (e que pode estar a serviço da Ucrânia) demonstram que estes atores fazem de seu uso um elemento estratégico: (i) toda a articulação de meios (tais como produção de algoritmos complexos, coleta de inteligência em infraestruturas de telecomunicações e uso de supercomputadores) demanda planejamento de longo prazo, previsão orçamentária e execução em longo prazo; (ii) a formação de recursos humanos, altamente especializados e vocacionados, indica que há um esforço de longo prazo para identificação, captação e qualificação de talentos; (iii) as ações propriamente ditas indicam que as atividades de coleta e contra inteligência antecederam ações, em caráter quase permanente.

Com o confronto direto entre potências do espaço cibernético, é esperado uma evolução na capacidade de todos os atores atuantes, cenário ao qual o Brasil não pode se furtar. Como todos os Estados, o Brasil sofre ataques e estes devem se tornar mais sofisticados e, conseqüentemente mais agressivos, o que suscita uma demanda por aprimoramento urgente de suas competências nesta área.

Assim, faz-se premente que o Brasil promova uma mudança de patamar de atuação considerando os aspectos estratégicos do uso do espaço cibernético, em termos de (i) articulação de meios; (ii) identificação, captação e qualificação de talentos; e (iii) mobilização para coleta e a contrainteligência em caráter permanente.

2.6.2 Conclusão parcial

As capacidades de atuação no espaço cibernético, hoje conhecidas, consideradas como armas empregadas em sincronia com ações cinéticas e de acordo com a doutrina de guerra

híbrida, têm mostrado sua enorme relevância para os Estados. Trata-se de uma ferramenta estratégica que deve ser valorizada pelo Brasil, no desenvolvimento de capacidades que o conduzirão a um novo patamar de atuação.

2.7 Expressão Psicossocial

A paz é passageira e a guerra uma constante no sistema internacional. Após um período razoavelmente extenso de paz, a guerra retorna a Europa. Encontra o continente europeu com problemas decorrentes das levas de refugiados provenientes da África e do Oriente Médio e da crise decorrente da pandemia do COVID-19.

Tomando por base a definição da Expressão Psicossocial do Poder Nacional, conforme consta dos Fundamentos da Escola Superior de Guerra, temos que:

Expressão Psicossocial do Poder Nacional é a manifestação, de natureza preponderantemente psicológica e social, do conjunto dos homens e dos meios de que a Nação dispõe, capaz de favorecer a plena realização do cidadão e a possibilidade de ele contribuir para o aprimoramento da sociedade, visando a alcançar e a manter os Objetivos Nacionais. (ESG 2022, p. 93)⁶⁷.

Quanto ao tema, a atenção se volta, principalmente, para os dois principais atores no conflito: a Rússia e a Ucrânia.

É relevante termos a atenção para a percepção do povo russo em relação ao conflito e suas consequências, particularmente no que se refere aos efeitos das retaliações a que o país está sendo submetido, bem como em relação a como o tema vem sendo apresentado a ele. O éthos russo demonstra resiliência e uma capacidade de enfrentamento da adversidade em um nível que, possivelmente, escapa à nossa percepção. No dizer do Embaixador da Rússia no Brasil, Alexei Labetskiy, para o povo russo, as sanções são como uma taxa para a sua liberdade, que se deve arcar; e a opinião pública, no país, refletiria isto⁶⁸. Também as lembranças dos ataques sofridos pela Rússia através das planícies ucranianas ao longo da história estão sedimentadas no seio da população, a tornando receptiva às ações de Putin que buscam conter as iniciativas ucranianas de aproximação com o Ocidente, interpretadas como ameaça.

Quanto à Ucrânia, esta constitui o núcleo geo-histórico da mãe Rússia, sinalizando uma proximidade dos povos. Possui um percentual expressivo de sua população de origem russa,

⁶⁷ FUNDAMENTOS DO PODER NACIONAL. Escola Superior de Guerra. Rio de Janeiro: ESG, 2022.

⁶⁸ Entrevista do Embaixador Alexei Labetskiy, ao Grupo Personalidades em Foco, em 05 de março de 2022.

em decorrência da política soviética de migração. Por outro lado, as lembranças das privações sofridas no período soviético permanecem e são revividas nos tempos atuais, gerando um clima apropriado para fomentar a crise.

Mas se pode limitar o estudo da crise russo-ucraniana no contexto do nacionalismo pós-comunista e da desintegração do espaço soviético. O foco estaria na politização da divisão etnolinguística e nas narrativas históricas quanto à interação entre a determinação da Rússia de controlar o futuro político da Ucrânia e a determinação da Ucrânia de se libertar da influência russa. Ao destacar a incompatibilidade entre os projetos de nacionalização russos e ucranianos, argumenta-se que, embora a crise ucraniana não seja um conflito étnico em si, o nacionalismo foi um fator contribuinte significativo para alimentar o conflito e continua sendo um obstáculo relevante para sua resolução⁶⁹. É importante que a maior comunidade ucraniana fora da Ucrânia está na Rússia, onde cerca de 4,4 milhões de cidadãos russos se consideram etnicamente ucranianos, enquanto milhões de outros (principalmente no sul da Rússia e na Sibéria) têm ancestralidade ucraniana.⁷⁰

O argumento subjacente a esta abordagem é triplo. Em um mundo dividido em estados-nação, as identidades étnicas e nacionais servem como medida de legitimidade política e, portanto, permanecem categorias importantes para análise política, bem como ferramentas poderosas para as elites políticas explorarem e manipularem. Esta não é uma característica particular do pós-comunismo, mas uma característica da maioria dos estados-nação, visto que tendem a identificar e definir suas identidades nacionais com um grupo etno-nacional titular (em alguns casos, com mais de um). A particularidade do pós-comunismo é a simultaneidade e a velocidade da transformação social, política e econômica; ao mesmo tempo em que se formavam os novos estados-nação. A formação e estabelecimento de um estado-nação é um empreendimento burocrático e ideacional gigantesco, que por sua própria natureza, aumenta a contestação de identidades e o nível geral de mobilização nacional, em condições políticas e econômicas altamente incertas. Em particular, tarefas como a formulação de uma nova identidade nacional, legislação de cidadania, bem como legislação para proteger as minorias (se o novo estado for de tendência liberal) e nova orientação de política externa, desafiam

⁶⁹ HARRIS, E. What is the Role of Nationalism and Ethnicity in the Rússia–Ukraine Crisis? *Europe-Asia Studies*, [s. l.], v. 72, n. 4, p. 593–613, 2020. DOI 10.1080/09668136.2019.1708865. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=poh&AN=143139027&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 10 mar. 2022.

⁷⁰ NOBRE, Frederico. Rússia e Ucrânia: 5 pontos PARA entender a crise e o impacto na economia. Disponível em: https://warren.com.br/magazine/Rússia-ucrania/?gclid=CjwKCAiA1JGRBhBSEiwAxXblwRRE-UQr5q6RGzLmfY_2q7vsJ_X1rfpmjF59IPTs3UBXaNq9ywXqmxoC7KMQAvD_BwE - . Acessado em 05 de março de 2022.

identidades e lealdades pré-existentes e qualquer compromisso que tenha sido alcançado na encarnação política anterior. O que, no caso da Ucrânia, causou, de imediato, a criação de regiões separatistas.

Com o conflito e as sanções econômicas impostas pelo Ocidente, a tendência é ampliar o empobrecimento das populações, a violência social, a inflação, entre tantas outras mazelas (carência de gêneros alimentícios e outros bens de consumo), realimentando a situação de crise, ao contribuir para o fomento de ressentimentos no seio das populações.

Outro aspecto a considerar trata da insegurança coletiva, em razão das represálias adotadas pelos países da OTAN, seguidos de ameaças de retaliação, até mesmo nuclear, por parte da Rússia.

Uma derrota da Ucrânia trará, como consequência, a possível perda de sua identidade nacional e de seus principais vínculos com o Ocidente. Outros aspectos que afetam o campo psicossocial serão fortemente impactados, como empregabilidade, degradação socioeconômica e situação de bem-estar, aquém do modo de vida dos ucranianos antes deste conflito.

No tocante a religiosidade, ao contrário da Igreja Católica, que tem como único líder espiritual supremo, o Papa, a Igreja Ortodoxa mundial é dividida em 14 igrejas, universalmente reconhecidas, independentes, autocéfalas ou autodirigidas.

Desde que a Rússia invadiu a Ucrânia e anexou a Crimeia em 2014, as relações entre os dois países ficaram especialmente tensas. Essas tensões se refletem nas abordagens muito diferentes das duas igrejas em relação à Rússia. A igreja mais antiga e maior, na Ucrânia, é a Igreja Ortodoxa Ucraniana, ligada ao Patriarcado de Moscou. De acordo com estatísticas do governo ucraniano, esta igreja tinha mais de 12.000 paróquias, em 2018. Um ramo da Igreja Ortodoxa Russa, está sob a autoridade espiritual do Patriarca Aleksy II, que enfatizou, repetidamente, os poderosos laços que unem os povos da Ucrânia e da Rússia.

Em contraste, a segunda igreja, de criação recente, a Igreja Ortodoxa da Ucrânia, foi responsável pela promoção da independência espiritual ucraniana. Com a bênção do Patriarca Bartolomeu de Constantinopla, um concílio solene se reuniu em Kiev, em dezembro de 2018. Criou a nova igreja e elegeu o seu líder, separado de Moscou. Em janeiro de 2019, o Patriarca de Constantinopla, Bartolomeu, reconheceu formalmente a Igreja Ortodoxa da Ucrânia como um membro separado, independente e igual da comunhão mundial das igrejas ortodoxas.

Autogovernada, a Igreja Ortodoxa da Ucrânia foi o culminar de décadas de esforços de crentes ucranianos, que queriam sua própria igreja nacional, livre de qualquer autoridade

religiosa estrangeira. Como expressão da independência espiritual ucraniana, esta nova Igreja Ortodoxa tem sido um desafio para Moscou.

Alguns desafios poderão ser levantados, tais como: os valores éticos e morais no pós-guerra, o meio ambiente degradado, a educação dos sobreviventes, essencialmente dos mais jovens; as aspirações individuais e coletivas ucranianas, o sentimento de revolta para com os dirigentes, os agressores, o reconhecimento e os esforços globais para a paz e aqueles destinados ao reerguimento de seu país; as políticas e estratégias relativas ao Desenvolvimento, Segurança e Defesa das nações em linha com os Objetivos Nacionais estabelecidos.⁷¹

Com relação ao Brasil, os descendentes de ucranianos constituem uma comunidade de mais de 500 mil pessoas e estão localizados, em sua maioria (cerca 80%), no Paraná; os demais, principalmente no norte de Santa Catarina, mas também no Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Brasília, Minas Gerais, e em outros estados. A organização civil e religiosa da comunidade ucraniana no Brasil é mutuamente integrada e interdependente.⁷²

2.7.1 Consequências para o Brasil

Também, conforme informações da Embaixada e Consulados da Federação Russa no Brasil, 35 mil nacionais e cerca de 1,8 milhão de descendentes de imigrantes e refugiados russos residiam no Brasil, em 2018. Após o auge da revolução de 1917, houve uma grande imigração para o Brasil, principalmente para São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná.

O Brasil poderá receber levadas de refugiados ucranianos, tendo como atratividade já termos esta vasta colônia de imigrantes ucranianos. Também se pode destacar a capacidade brasileira demonstrada no acolhimento de refugiados, tomando por exemplo os nacionais haitianos e venezuelanos. Acrescente-se que pode se configurar uma oportunidade de se receber indivíduos educados, de boa qualificação profissional. Neste aspecto, desde o início do século XX, o Brasil recebe imigrantes e profissionais, russos e ucranianos altamente qualificados, atuando em diversas áreas.

⁷¹ UOL. Portal de Notícias. Ucranianos bloqueiam estrada de cidade com maior usina nuclear da Europa. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/03/02/conflito-ucrania-Rússia-guerra-usina-nuclear-zaporizhzhia-enerhodar-estrada.htm?cmpid=copiaecola>. Acessado em 05 de março de 2022.

⁷² <https://metropolia.org.br/cultura-ucraniana/etnia/ucranianos-no-brasil/> acesso 10 de março 2022.

Trata-se, portanto, de uma “janela” de oportunidade para o Brasil: a de recrutar ucranianos com qualificação técnica e acadêmica, que possam favorecer os projetos estratégicos ou capacitar seus acadêmicos e pesquisadores. Isto, independentemente, do recolhimento de refugiados em situação de vulnerabilidade, coerentemente com nossas tradições de uma Nação amante da paz e solidária com aqueles em situação de risco no cenário internacional.

Uma ação neste sentido tem sido feita pela agência de fomento em pesquisa do Paraná, a Fundação Araucária, que lançou um programa para acolher cientistas ucranianas em universidades paranaenses. O objetivo desta iniciativa, juntamente com a Superintendência Geral da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, é acolher e integrar as cientistas do país europeu à comunidade paranaense, além de manter em alta o papel da ciência e da inovação, mesmo em tempos conflituosos.⁷³

No campo interno, o aumento de preços decorrentes da crise, tem o potencial gerar insatisfação popular, particularmente no quadro político atual, o que demanda atenção para mitigar os fatores adversos.

2.7.2 Conclusão Parcial

A Ucrânia constitui o núcleo geo-histórico da mãe Rússia, sinalizando uma proximidade dos povos. Possui um percentual expressivo de sua população de origem russa, em decorrência da política soviética de migração. No entanto, lembranças de sofrimento da coletivização forçada dos campos, ainda na antiga URSS, mantêm vivas as lembranças das privações sofridas no período e são revividas nos tempos atuais, gerando um clima apropriado para fomentar o conflito.

O conflito da Ucrânia com a Rússia, gerou uma grande crise humanitária. Além do sofrimento experimentado por aqueles que lutam na Ucrânia dentro da Ucrânia, já são contabilizados em mais de três milhões de pessoas dependentes de refúgio em nações vizinhas. O Brasil com grandes colônias de imigrantes ucranianos e russos, acaba recebendo refugiados destes países, seria uma janela de oportunidade o Brasil conceder refúgio a mão de obra especializada ucraniana, como professores e cientistas nas mais diversas áreas. A Fundação Araucária do governo do Paraná vem incentivando com fomentos especiais a vinda de cientistas ucranianos para o Brasil, obviamente sem negar refúgio aos mais vulneráveis.

⁷³ <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Estado-lanca-programa-para-acolher-cientistas-ucranianas-em-universidades-paranaenses>

3. CONCLUSÃO

A Ucrânia é uma país com limitada coesão, considerando a distribuição de sua população, a qual, em grande parte, é de origem russa, mormente a leste e no sul. Esta falta de coesão é percebida no resultado de eleições e em plebiscitos, em que ocorrem diferenças substanciais de resultados entre tais regiões e o restante do país. A região oeste da Ucrânia apresenta tendência pró-Occidente. A título de ilustração, no referendo realizado na Crimeia, 93% dos votantes manifestaram querer ser parte da Rússia. É fato que, na retórica russa, são fortes os laços nacionais entre os dois países.

Para a Rússia, a ação na Ucrânia não é guerra, mas uma operação especial militar, consoante o exposto pelo Presidente Putin, o qual apontou que não se tem tomado em consideração garantias de segurança, como a aproximação das fronteiras. É fato que as maiores invasões, que traumatizaram a Rússia nos últimos duzentos anos, saíram da Europa, cruzando as planícies de Belarus ou da Ucrânia, carente de obstáculos naturais. Para os russos, a presença da OTAN na Ucrânia representaria o enfraquecimento de todas as garantias de segurança.

Vale lembrar que quando houve o desmembramento do Pacto de Varsóvia, convencionou-se que não haveria alargamento da OTAN para o oriente. Entretanto, ao longo do tempo, houve a expansão da Organização. Também ocorreu o aumento do poder militar e político, incorporando alguns dos países vizinhos da Rússia, que antes faziam parte da Cortina de Ferro ou da URSS.

Neste ponto, destaca-se a possível existência de um erro de avaliação do Ocidente, ao não reconhecer que a União Soviética fora um inimigo ideológico que colapsara, mas a Rússia mantinha-se como um país de relevo crescente, a merecer atenção da política externa, considerando os seus interesses e peso nas diversas expressões de Poder.

Ao mesmo tempo em que os europeus se mostravam adversos nos campos político e militar, atraindo países da Europa Oriental para a UE e para a OTAN, paradoxalmente criaram uma crescente dependência energética em relação à Rússia, sem considerar os riscos previsíveis frente a política nacionalista liderada por Vladimir Putin ao longo das últimas décadas, o qual manifestou sua insatisfação com as iniciativas ocidentais em diversas oportunidades.

Em contraposição, as sanções contra a Rússia, em 2014 (e reforçadas atualmente), aparentam ter efeitos limitados. Alegam as autoridades russas que as restrições incentivaram que o País se organizasse, a ponto de passar a ser exportador de produtos agrícolas; e que

realizasse investimentos, recriando indústrias, como a metalomecânica. Para a população, as sanções teriam sido assumidas como uma taxa de liberdade, que deveriam pagar.

O conflito em questão, deflagrado em seu mais elevado nível, caracterizado pela utilização da força militar de um Estado contra outro, já vinha se desenhando há tempos. Os sinais de desagrado emitidos pelo governo russo com relação à forma com que vinha sendo conduzido o espraçamento da OTAN em direção à Ucrânia já fora demonstrado na invasão da Crimeia, onde se localiza a histórica e importante base da Esquadra do Mar Negro, da Marinha Russa. É importante ressaltar que este espaço marítimo, além de possuir importante ligação com o Mar Mediterrâneo, pode ser utilizado durante todo o ano, ao contrário dos demais portos russos, cujas águas congelam no inverno.

A área política, por intermédio de ações diplomáticas e outras medidas de contenção da escalada do conflito, não foi eficaz no sentido de evitar a ação armada, em larga medida por não perceberem o grau de sensibilidade da Rússia em relação ao tema.

Apesar da grande concentração de tropas russas na fronteira ucraniana, da intensa propaganda midiática e da utilização do poderio cibernético deste País, não houve retração tempestiva da comunidade ocidental, no que se refere a sua postura em relação à Ucrânia, diante do quadro que apontava, fazia tempo, para uma escalada que poderia tornar-se um *casus belli*.

Em linha gerais, o Ocidente, não levando a sério os múltiplos sinais em contrário, portou-se como se raciocinasse com as intenções (inferidas) do oponente, que se autolimitaria. Ocorre que não se raciocina com intenções presumidas no planejamento militar, mas sim com as possibilidades do oponente, sendo importante desenvolver empatia, ou seja, compreender como ele age e pensa, além de suas capacitações. Neste caso, o potencial militar russo é muito superior ao ucraniano e seu uso não é balizado por um sistema de pesos e pesos e contrapesos, nos moldes ocidentais.

A preparação militar da Rússia não se caracterizou como simples aglomeração de tropas para uma ação armada. Ficou evidente que a preparação de suas forças armadas já vinha tendo curso há algum tempo. Acredita-se que muito do que a Rússia estimava utilizar não pode ser empregado, tendo em vista o limitado estoque de munição, fruto de outras campanhas, como a da Síria. Do lado ocidental, discursos de impacto, como o aumento de investimentos para o segmento Defesa se mostram inócuos no curto prazo, uma vez que forças armadas não se improvisam. Tais discursos parecem ter como finalidade somente não demonstrar inação junto à opinião pública.

Juntou-se a isto, a dificuldade em realizar qualquer movimento militar que pudesse agir como agente dissuasório junto às intenções russas. A morosidade e a inação estavam intimamente relacionadas ao risco de se escalar a então crise, bem como pela dependência econômica europeia do petróleo e do gás provenientes da Rússia, entre outros aspectos. Esta dependência, um dos pontos vulneráveis frente ao Estado russo, poderá provocar um reordenamento na matriz energética continental, ainda que isto demande algum tempo. Outro importante aspecto sobre a comercialização de commodities, refere-se ao fato da China ser uma grande compradora destes produtos, o que teve como efeito contribuir para a sua aproximação com a Rússia.

A crise, que escalou com a ação militar russa em solo ucraniano, além das baixas humanas e materiais, tem potencial para provocar uma corrida armamentista, notadamente nos países lindeiros à área do conflito ou mesmo envolvidos direta ou indiretamente nele, em busca de maior poder ou proteção, face à possibilidade de escalada da crise. Esta inserção de vultosa quantidade de material de emprego militar (MEM) na região, notadamente fornecidos pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), como armamento antiaéreo de longa distância, obuseiros e carros de combate, poderá gerar uma escalada do conflito. Além disso, a violência desencadeada na região também tem afetado a população local, que se vê obrigada a refugiar-se fora da área deflagrada ou para outros países, conferindo maior amplitude geográfica ao dramático acontecimento.

E o Brasil neste cenário?

A situação pode ser vislumbrada em uma extensa matriz SWOT⁷⁴, onde fatores de força, como a grande dimensão territorial, população, capacidade industrial e do agronegócio, serão confrontadas com fraquezas a serem mitigadas, como a dependência de insumos relevantes, alguns dos quais relacionados a produtos em relação aos quais perdemos a capacidade de produzir em quantidade relevante (como é o caso dos fertilizantes), em função das concepções econômicas de integração adotadas ao extremo. São inúmeras as oportunidades que surgem para o país, que tem dimensão e capacidade para incrementar a sua participação no cenário internacional. Por fim, não se pode descuidar das ameaças a serem identificadas na matriz, que certamente despontarão, na medida em que o nosso País e o seu Entorno se tornem atraentes para o mercado internacional. Em suma, como recomendam as boas práticas: buscar-se-á

⁷⁴ Análise ou matriz SWOT – método de planejamento estratégico que engloba a análise de cenários para tomada de decisões, observando quatro fatores. Em inglês: strengths (força), weaknesses (fraquezas), opportunities (oportunidades) e threats (ameaças).

incrementar os fatores de força; fortalecer onde se identificam fraquezas; aproveitar as oportunidades; e quanto às ameaças, se buscará neutralizá-las ou se tornar apto a enfrentá-las.

Mostra-se evidente que a situação internacional tende a gerar efeitos importantes nas Expressões do Poder Nacional. A possibilidade de participação brasileira como interlocutor entre as partes em litígio, oferece ao País a oportunidade de protagonismo, tornando-se um *player* de relevo – circunstância esta que deve ser aproveitada por sua diplomacia. O Brasil deve contribuir para a mitigação da crise, pautado por seus Interesses Nacionais, o que inclui o cultivo da boa imagem de país acolhedor de pessoas em situação de vulnerabilidade sem, no entanto, olvidar do acolhimento de mão de obra qualificada e com potencial de otimização de projetos nacionais. Também deve atuar de modo a neutralizar suas debilidades, que se tornaram evidentes com relação à dependência de insumos relevantes e ganharam destaque ao longo do enfrentamento da pandemia do COVID-19.

Além disso, o conflito russo-ucraniano tem elevado o número de crises em áreas tradicionais supridoras de *commodities* relevantes. Com isso, a atenção mundial poderá voltar-se para o Sul, gerando disputas por recursos em nosso entorno estratégico, ou no próprio território nacional, onde pode ser citada a importância da produção de petróleo e a cobiça global pelo produto.

A redução da escala da produção mundial dos vários setores, como ocorre no Brasil, aliada ao aumento contínuo nos índices de inflação, indicam a possibilidade de ocorrência de estagflação. Neste caso, é provável a ocorrência de crises internas ligadas à insatisfação popular. Para tanto, além de medidas de caráter interno, existe a necessidade de que se obtenha maior alinhamento e cooperação entre os países integrantes do BRICS, do qual o Brasil faz parte, com vistas a mitigar os efeitos nocivos do conflito russo-ucraniano no País e desenvolver parcerias para obtenção de incrementos em sua Base Industrial de Defesa (BID) e no campo econômico, por exemplo.

Os ataques cibernéticos efetivados pela Rússia, demonstram a importância desta ferramenta, que deve andar *pari passu* com o desenvolvimento de aspectos relativos à segurança de áreas críticas, no contexto brasileiro. Adicionalmente, uma possível corrida armamentista traz, em seu bojo, oportunidades para a Base Industrial de Defesa brasileira expandir sua presença no mercado internacional, o que acaba por fomentar a criação de empregos no País e a entrada de capital.

Destaca-se que a forma como se desenrola a invasão do solo ucraniano potencializa a necessidade de se ter tropas capacitadas para a defesa da Pátria. No caso em questão, tanto a OTAN quanto a Rússia (além da China), projetam poder no Entorno Estratégico brasileiro. Como ressalta Keohane⁷⁵ (2015), “[...] os Estados não cooperam tipicamente por altruísmo ou empatia com o problema dos outros [...]”. Em verdade esse autor contemporâneo sublinha que “os Estados buscam a riqueza e a segurança para os seus povos. A busca pelo poder constitui o meio para alcançar esses fins”.

Portanto, o Estado brasileiro deve ter como uma de suas prioridades a sua segurança, baseando-se no estudo das potenciais ameaças a ela e não se restringindo somente à área militar. Para tanto, existe necessidade de estabelecimento de políticas adequadas para o seu enfrentamento ou mitigação.

⁷⁵ KEOHANE, R. O. *After hegemony*. New Jersey: Princeton University Press, 2015.

Escola Superior de Guerra
Centro de Estudos Estratégicos Marechal Cordeiro de Farias



Cadernos de Estudos Estratégicos

Edição de abril / 2022